



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MATEUS FERNANDO DE OLIVEIRA

**DESGRAÇADOS E MAL-AMADOS:
AS MASCULINIDADES EM CONTOS DE JOÃO ANTÔNIO**

MATEUS FERNANDO DE OLIVEIRA

DESGRAÇADOS E MAL-AMADOS:
AS MASCULINIDADES EM CONTOS DE JOÃO ANTÔNIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon.

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Oliveira, Mateus Fernando de.

DESGRAÇADOS E MAL-AMADOS : AS MASCULINIDADES EM CONTOS DE JOÃO ANTÔNIO / Mateus Fernando de Oliveira. - Londrina, 2017.
96 f.

Orientador: Luiz Carlos Santos Simon.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

Inclui bibliografia.

1. João Antônio - Tese. 2. Masculinidades - Tese. 3. Literatura brasileira - Tese. 4. Marginalidade - Tese. I. Simon, Luiz Carlos Santos . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

MATEUS FERNANDO DE OLIVEIRA

DESGRAÇADOS E MAL-AMADOS:
AS MASCULINIDADES EM CONTOS DE JOÃO ANTÔNIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dra. Ana Paula Franco Nobile
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Prof^a Dr^a. Maria Carolina Godoy
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 14 de dezembro de 2017.

O homem precisa ter alguma grandeza, tem de ter um momento de Homem pelo menos. Meu único medo é passar pelas coisas e não vê-las.

(João Antônio, 1976)

DEDICATÓRIA

Mãe, seu esforço não foi em vão, esse título é resultado da sua luta por nós. Dedico esta dissertação à senhora, com amor, respeito e gratidão por ser essa mulher incrível.

À vó Ica (*in memoriam*), por me ensinar sobre união e compreensão, e porque todo homem precisa de um colo de vó.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Universidade Estadual de Londrina – UEL, pela oportunidade de fazer parte desta instituição como discente. Do mesmo modo, sou grato à CAPES pela concessão da bolsa que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon, por conduzir a investigação de temas tão importantes para a Literatura e para a sociedade. Agradeço por toda orientação e toda a amizade construída. Sinto-me honrado. Obrigado por me inspirar e por acreditar em mim. Cordialmente, estendo meus agradecimentos à querida Prof^a. Dra. Cristina V. B. Simon.

Agradeço à minha banca de qualificação: Prof.^a Dra. Telma Maciel da Silva e Prof.^a Dra. Maria Carolina de Godoy, esta página teria o nome de vocês por terem sido inspirações para mim antes. Do mesmo modo, agradeço à Prof^a Dra. Ana Paula Franco Nobile por aceitar compor a banca de defesa e trazer considerações relevantes a este trabalho. Muito respeito e admiração por todas.

Agradeço aos meus amigos Luis Eduardo Veloso Garcia, Cassiano Motta e Sidinei Batista, vocês foram as minhas bases durante este período, devo muito desse título a vocês, obrigado.

Quero agradecer aos funcionários da Secretaria de Pós Graduação em Letras – PPGL, por toda eficiência, atenção e respeito com que me atenderam todas as vezes em que precisei.

Aos professores da PPGL, em especial à Prof.^a Dra. Sônia Pascolati, obrigado por tudo o que fez por mim, seu apoio foi fundamental.

Thamiris Pellizzari, que nunca nos faltem canções para embalar emoções como essa. Nathália Pellizzari, “naquele momento éramos infinitos” – E sempre seremos, gratidão imensa por tudo, não sei o que seria de mim sem vocês.

Agradeço à Letícia Bonomo, Natasha Rocha e Natália Cardoso, nunca esquecerei o quanto fizeram por mim, espero um dia poder retribuir. Aos membros do projeto de Pesquisa em Masculinidades. Obrigado, Fabrícia, Lucélia, Ana Luísa, Renata, Gustavo, Susanah e Fernando.

Agradeço a toda minha família, meus avós paternos: Sr. Moacir e Dona Ica (*in memoriam*), se ainda acredito no amor é graças a vocês. Agradeço às minhas tias, tios, primos e primas, maternos e paternos, orgulho é poder dividir isso com vocês. Agradeço também ao meu irmão

por tudo. À minha sobrinha, Duda que tanto amo, assim como o recém-chegado, Gumercindo. Eu consegui realizar um sonho, vocês também conseguirão, sonhem e façam!

Gratidão à minha orientadora da Iniciação Científica Prof^a. Dra. Nerynei Carneiro Bellini, por fazer de mim um pesquisador. Assim como os docentes da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP/CJ.

Agradeço toda equipe do NEAD- LABTED/UEL. Em especial aos queridos, Prof. Dr. Pedro Paulo Airoso, Esp. Maristela Cristina Martins, Me. Paulo Sérgio Negri, Cassia Naomi, Rafaela Boletti, devo muito do meu desenvolvimento profissional a vocês.

Gabriela Fávaro, Allef Souza, Renan Cunha, obrigado por estarem presentes em minha vida tornando essa jornada mais leve do que realmente foi.

Agradeço à vida pela surpresa de me permitir ser feliz ao lado dessa família chamada E42. Vinícius Belquiman, José Eduardo e Rodolfo Sanches, vocês são o melhor remédio contra a solidão, amo vocês, irmãos!

Gratidão a Deus, porque Ele acreditou em mim antes de tudo.

João Antônio, obrigado por esse momento de grandeza.

OLIVEIRA, Mateus Fernando de. **Desgraçados e mal-amados: as masculinidades em contos de João Antônio**. 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

A presente dissertação traz o estudo de dois contos da obra *Leão de Chácara* (1975), do escritor João Antônio. Trata-se da análise das narrativas “Paulinho Perna Torta” e “Joãozinho da Babilônia”. A produção literária de João Antônio é marcada pela expressividade de seus personagens marginalizados, deste modo, analisam-se as performances das masculinidades nos contos em questão, com enfoque nos personagens centrais, considerando o espaço de exclusão social da qual fazem parte. No conto “Paulinho Perna Torta” reflete-se sobre o processo de construção social da masculinidade hegemônica, enquanto em “Joãozinho da Babilônia” concentramos nossa análise na expressão dos afetos como parte de um processo de desconstrução da imposição da virilidade no cotidiano masculino. Este trabalho contou com estudos recentes sobre gênero e masculinidades como fonte, incluindo ainda crítica literária e estudos sobre a obra de João Antônio.

Palavras-chave: João Antônio. Masculinidades. Literatura brasileira. Marginalidade.

OLIVEIRA, Mateus Fernando de. **Wretcheds and unloveds**: the masculinities in João Antônio's short stories. 2017. 96 p. Dissertation (Master's Degree in Literatures) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

The present dissertation is the study of two short stories of the book *Leão de Chácara* (1975), by the writer João Antônio. It is the analysis of the narratives "Paulinho Perna Torta" and "Joãozinho da Babilônia". João Antonio's literary production is marked by the expressiveness of his marginalized characters, thus analyzing the performances of masculinities in the stories in question, focusing on the central characters, considering the space of social exclusion of which they are part. The "Paulinho Perna Torta" story is reflected in the process of social construction of hegemonic masculinity, while in "Joãozinho da Babilônia" we concentrate our analysis on the expression of affections as part of a process of deconstruction of the imposition of virility in masculine daily life. This work included recent studies on gender and masculinities as a source, including literature criticism and studies on the work of João Antônio.

Keywords: João Antônio. Masculinities. Brazilian literature. Marginality.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1. JOÃO ANTÔNIO, HOMEM COM H MAIÚSCULO	18
1.2 DA CONTÍSTICA JOAOANTONIANA	25
2. O CORPO-A-CORPO	32
2.1 DOS ESTUDOS DE GÊNERO ÀS MASCULINIDADES	33
2.2 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: O CENTRO DA QUESTÃO	37
2.3 MASCULINIDADES MARGINALIZADAS	40
3. O LIXO DA VIDA E A POÉTICA DA VIRILIDADE	43
3.1 OS MAL-AMADOS: “JOÃOZINHO DA BABILÔNIA”	43
3.1.1 O nó na garganta: dos sentimentos que não são geridos a fim de se preservar a masculinidade	45
3.1.2 O desconforto dos mal-amados: Masculinidades em disfunção	54
3.1.4 Masculinidades associadas à violência e à virilidade	58
3.2 OS DESGRAÇADOS: ANÁLISE DE PAULINHO PERNA TORTA	64
3.2.1 OS MANDAMENTOS DE LAÉRCIO	68
3.2.2 “SE TENHO CORAÇÃO É PARA COISAS DO MEU GASTO”: A ANULAÇÃO DOS AFETOS	77
3.2.3 <i>DE 53 PRA CÁ</i>	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	92

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Você só escreve porque tem uma consciência culposa.
Um homem de consciência limpa vai para a casa e
dorme.*

(João Antônio)

A presente dissertação analisa a performance das masculinidades nos contos do escritor João Antônio. Trata-se de um estudo dos contos “Joãozinho da Babilônia” e “Paulinho Perna Torta”. Ambos os contos são parte da obra *Leão de Chácara* (1975). A obra traz personagens marginalizados socialmente, representantes fiéis das camadas sociais rejeitadas, inseridos na obra de João Antônio como malandros, bandidos, otários e merdunchos.

A escolha da obra de João Antônio como objeto de investigação se deu principalmente por duas razões. A primeira delas, pelo fato de que os contos do escritor paulistano interagem diretamente com problemas sociais relevantes para os debates sobre masculinidades. Segundo, porque a marginalidade é uma questão recorrente na obra de João Antônio, não somente pelo fato de que seus personagens pertencem a essa camada social marginalizada, onde impera a desigualdade e a exclusão social, mas porque, como considera a pesquisadora Vima L. Martin (2008): “a realidade marginal é enfocada praticamente pelos olhos dos próprios marginais e também definida por suas próprias palavras” (MARTIN, 2008, p. 68). Desse modo, as narrativas selecionadas apresentam os acontecimentos na perspectiva dos indivíduos marginalizados.

A maior concentração de investigações científicas sobre o autor de *Leão de Chácara* se situa no “Acervo João Antônio” que está instalado na Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” UNESP – Campus de Assis. O material disponível contribui com uma série de pesquisas sobre o escritor, além de possibilitar consultas diretas a materiais como correspondências e anotações pessoais de João Antônio, conta ainda com o site do acervo que disponibiliza material bibliográfico para acesso online, inclusive, este trabalho utilizou dessa fonte de acesso, consultando alguns dos trabalhos que consultaram fisicamente o espaço.

A produção literária do autor foi por diversas vezes alvo da crítica especializada, sendo elogiada por grandes referências da ficção e da crítica literária, nomes como Jorge Amado, Antonio Candido, Alfredo Bosi, Paulo Rónai e tantos outros. Apontamentos como o do escritor Jorge Amado mostram a expressividade da obra de João Antônio Ferreira Filho: “João Antônio trabalha com o lixo da vida e com ele constrói beleza e poesia. Porque esse escritor soma ao talento e à experiência, o amor, a paixão pela gente que povoa seus livros admiráveis” (AMADO, In: ANTÔNIO, 2003).

Conheci a obra de João Antônio durante uma pesquisa sobre prosadores brasileiros. Temas como a sinuca, as apostas e as trapaças foram detalhes que chamaram minha atenção a princípio, até que pude reparar na performance dos personagens masculinos e perceber que haviam diversas questões pertinentes aos estudos sobre masculinidades.

O meu primeiro contato foi com a obra de estreia do autor: “Malagueta, Perus e Bacanaço” (1963). Ao ler a obra, conheci personagens que me lembravam dos malandros cantados nos sambas de Noel Rosa, em letras como *O orvalho vem caindo*, em que se canta a sina do pobre num tom lírico, classificada por João Antônio (1982) como “a angústia da metafísica amorosa” (p.105). Exaltando o malandro, em tom lírico e melancólico: “O orvalho vem caindo, vai molhar o meu chapéu/ e também vão sumindo, as estrelas lá do céu/. Tenho passado tão mal,/ a minha cama é uma folha de jornal” (ROSA, 1933). Só depois fui me deparar com um trecho da canção de Noel Rosa na abertura do conto *Maria de Jesus de Souza (Perfume de Gardênia)*, uma das brilhantes narrativas de “Abraçado ao meu rancor” (1986). Foi então que me dei conta de que os contos de João Antônio, e as canções de Noel Rosa confluem tematicamente: o malandro, a origem pobre e a recusa ao trabalho institucionalizado, além da manifestação dos sentimentos com cautela, o que se vê nos personagens de João Antônio.

São personagens que se aproximam da figura do malandro presente no imaginário social brasileiro, próximos do malandro lembrado na crítica de Antônio Cândido no ensaio *Dialética da Malandragem* (1970). Compreende-se que a figura do malandro se caracteriza pela origem desafortunada e pela rejeição ao trabalho formal, buscando garantir seus ganhos por meio da própria esperteza. Todavia, há uma ressalva que se destaca nos estudos de Martin (2008): “em cada tempo histórico, a figura do malandro – marcada pela ambivalência e pela transgressão da ordem – adquire contornos singulares, afirmando-se como resposta a modos

de exclusão específicos” (MARTIN, 2008, p. 157). Por conta das particularidades, não é possível considerar que o mesmo malandro que se verifica na obra de João Antônio se assemelha com o protagonista de *Memórias de um Sargento de Milícias* (1853); tanto que Martin (2008) ao estudar a performance dos personagens do primeiro livro de João Antônio destaca as singularidades de Malagueta, Perus e Bacanaço, afirmando que personagens de uma mesma narrativa são movidos por paixões e interesses específicos. Os malandros de João Antônio são guiados pelos acontecimentos, representando vivências diferentes e condições distintas precisam ser analisados de acordo com suas especificidades, como é o caso dos personagens centrais da primeira obra de João Antônio, Malagueta, Perus e Bacanaço têm em comum o fato de serem malandros e terem por objetivo enganar outros por meio do jogo, no entanto são completamente diferentes um do outro, desde a idade até as aspirações.

As obras de João Antônio tem um olhar voltado exclusivamente às camadas sociais excluídas, e como dito anteriormente, a narração dos fatos é pela perspectiva do próprio malandro, como é o caso dos contos analisados. Em *Leão de Chácara*, verifica-se uma obra de caráter inteiramente ficcional. Os protagonistas que dão nomes aos contos analisados desta obra têm suas particularidades como malandros: Joãozinho da Babilônia é um leão de chácara que se apaixona; enquanto Paulinho Perna Torta é um malandro com sede de poder.

Leão de Chácara se distancia do que ocorre a partir de *A Malhação do Judas Carioca* (1975), em que a abordagem literária é marcada pela fusão com as notícias de jornais, o que chamamos de conto-reportagem. São contos que se baseiam em notícias. O gênero surge na década de 60 e prevalece na década de 70 no Brasil, tornando-se uma tendência por conta da censura da Ditadura Militar. Fatos proibidos de circular nos jornais eram transpostos para a Literatura, prevalecendo o viés jornalístico. Tal tendência adotada pelo escritor não superou o sucesso de suas primeiras obras.

Mesmo as pesquisas focadas em questões como a produção epistolar de João Antônio, ou até mesmo outras possibilidades, tiveram a sensibilidade de observar as masculinidades como uma questão recorrente na obra do escritor. Uma possível relação com essa questão é com o fato de que no Brasil, embora até hoje prevaleça o patriarcado, no final da década de 1960, diante dos avanços do feminismo, passou-se a redefinir a atuação feminina na sociedade, e diante disso, como aponta a pesquisadora Talita Almeida (2016): “nota-se que o período que compreende a juventude de João Antônio tem como contexto cultural mais

continuidades do que rupturas, mesmo que a masculinidade já esteja, em sua superfície, plural” (ALMEIDA, 2016, p. 48). O jovem João Antônio cresce diante de mudanças sociais significativas, o que talvez possa ter vindo a contribuir com a construção de personagens complexos que de alguma forma apontam inquietações masculinas reais, sem reproduzir necessariamente de uma “crise masculina”, mas apontado um processo natural de redefinição dos papéis masculinos na sociedade.

Alguns autores dos estudos sobre a masculinidade têm discutido o conceito de “crise da masculinidade” para indicar modificações na representação do homem após a segunda onda feminista, de meados dos anos sessenta. Esta noção indica que o feminismo teria destruído um conjunto estável de características da masculinidade, e então não se teria mais um referencial tradicional de gênero. A ideia de “crise da masculinidade” leva, portanto, a um impasse, uma indefinição sobre a noção que se tinha do gênero masculino. (ALMEIDA, 2016, p. 48)

Quando fui apresentado às investigações acadêmicas sobre masculinidades, a princípio me pareceu uma questão muito ampla e extremamente delicada. De fato, trata-se de uma série de reflexões que exploram as mais diversas interfaces masculinas e seus desdobramentos para além do modelo de masculinidade hegemônica, por isso se destaca o termo no plural, pois se compreende a existência de diversas manifestações masculinas, nesse caso, nossa investigação se dá na performance das masculinidades marginalizadas.

A masculinidade hegemônica, mencionada anteriormente, é um conceito desenvolvido por R. W. Connell (2005). Trata-se da noção de um modelo masculino propagado socialmente, o que diz respeito ao “homem de verdade”, modelo masculino esculpido aos moldes patriarcais. A masculinidade hegemônica busca por meio da valência de força e poder, garantir a posição de domínio do homem diante da subordinação feminina. Esse modelo é responsável por nortear o comportamento masculino, ditando como um “homem de verdade” deve ser, sem nem sequer respeitar a individualidade masculina.

Essa noção de masculinidade compreende que o homem deve ser viril, violento, poderoso e bem sucedido, entretanto, o termo no plural “masculinidades” se dá por conta das diversas expressões masculinas que não se encaixam no modelo hegemônico, como por exemplo: homossexuais, heterossexuais sensíveis, ou mesmo homens que de modo geral não se sentem confortáveis com a competitividade constante da masculinidade hegemônica.

As masculinidades marginalizadas estão representadas por figuras masculinas que fazem parte de camadas sociais excluídas, homens que se baseiam na noção de força e virilidade para a construção social da própria masculinidade. São homens que estão distantes do modelo hegemônico, já que não possuem poder ou dinheiro, estando sempre subordinados a outras figuras masculinas.

Welzer-Lang (2004), ao identificar alguns dos obstáculos para a desconstrução da figura do masculino, sugere que os pesquisadores deixem para trás o tradicional hábito masculino de não falar de si, que possam se ver como homens, motivando novas pesquisas e mover o interesse pelo seu próprio gênero. É nesse sentido que destaco a escolha da obra de João Antônio.

Os homens dentro dos bares jogando e apostando, a paixão pelo futebol, a reafirmação constante da masculinidade, elementos que fizeram parte da minha concepção de “ser homem” durante adolescência, na realidade faziam com que eu me sentisse desconfortável por não me encaixar naquelas características. Foi nesse sentido que percebi que a obra de João Antônio dialogava com a minha condição de humano e não de macho. Aceitar a minha sensibilidade algumas vezes exigiu o exercício de questionamento da minha própria masculinidade, tal como Perus, Joãozinho da Babilônia. Diante dessa identificação foi que me senti confortável para investigar os contos de João Antônio e explorar as masculinidades como objeto de estudo.

A discussão acadêmica sobre as masculinidades vem se desenvolvendo com maior força desde a década de 1970, período em que o papel masculino deixou de ser um tema secundário dentro das discussões sobre gênero, interagindo com estudos feministas. No entanto, por se tratar ainda de um debate recente, algumas áreas acadêmicas estão pouco familiarizadas com essa questão e, como destaca Simon (2016), na área de Letras ainda é uma questão pouco abordada e/ou compreendida:

Cabe registrar que a ênfase maior sobre as masculinidades, independentemente da área do conhecimento em que o estudo se inscrever, não pressupõe o abandono da perspectiva feminista. Essa ideia, porém, se mostra mais assimilada, no Brasil, por psicólogos, historiadores, sociólogos e antropólogos do que no âmbito dos estudos literários. (SIMON, 2016, p. 9)

Os estudos sobre masculinidades no Brasil ainda são recentes, o que torna comum que o tema gere desconforto ou estranhamento. Geralmente se pressupõe de modo equivocado que

as investigações acerca das masculinidades deixem de lado as considerações feministas, quando, na verdade, trata-se de uma série de abordagens que se somam aos estudos feministas, dividindo-se em desdobramentos. Neste estudo, nosso intuito é apontar o mal-estar social causado pela propagação da masculinidade hegemônica como um modelo ideal, a fim de observar a literatura como um terreno fértil para articular reflexões pertinentes sobre a construção social das masculinidades.

A expressão dos afetos dos personagens dos contos é contundente ao reproduzir um universo marginalizado e masculino. Desta forma, analisam-se as masculinidades mediante os afetos expressados pelos personagens. Quando tratamos de afetos, referimo-nos à: “1. Afeição, amizade, amor; 2. Objeto de afeição” (FERREIRA, 2001, p. 27). Com relação à afeição, define-se como: “1. Sentimento de apego sincero por alguém ou algo; 2. Carinho, amizade” (FERREIRA, 2001, p. 27).

Pretende-se compreender como são retratadas as masculinidades marginalizadas nos personagens de modo a questionar a inquietação destes diante da condição de pobreza, construindo noções de seu próprio gênero baseados em um modelo de masculinidade que prevê o poder como a exaltação da masculinidade.

Joãozinho da Babilônia e *Paulinho Perna Torta* são textos que abordam personagens característicos da obra de João Antônio: malandros, merdunchos, otários e bandidos, tal como o enquadramento sugerido pela pesquisadora Luciana Cristina Correa (2002).

Joãozinho da Babilônia é um dos malandros. Leão-de-chácara, esperto como a maioria à sua volta, mas sofre com a desordem emocional gerada pela paixão repentina por Guiomar. Um homem maduro em conflito com seus sentimentos. Sempre que pode luta para esconder os sentimentos, já que não pode exteriorizar suas emoções sem ter a própria masculinidade colocada em questão.

Paulinho Perna Torta conta a história de sua ascensão social, de menino engraxate a bandido respeitado, dono de riquezas e poder. No auge de sua vida bandida percebe-se descontente, pois se vê diante de uma posição social ambígua. A origem de marginalizado o afasta severamente de uma condição de privilégio e sossego, há sempre a necessidade de se reafirmar como “homem de verdade”, aquele que pode mais.

É em torno dessa necessidade de reafirmação da própria masculinidade que se situa a noção de masculinidade hegemônica. Connell e Messerschmidt (2013) explicam que o

conceito de masculinidade hegemônica pode ser compreendido como uma série de atitudes e expectativas que possibilitam dar continuidade à dominação masculina sobre a mulher. Na análise verifica-se como essa busca pela hegemonia masculina difunde preconceitos e estimula estereótipos.

Sobre a necessidade do desenvolvimento de pesquisas voltadas ao homem em suas funções e representações sociais, Simon (2016), ao tratar do número baixo de pesquisas masculinas acerca da própria condição social do homem, aponta o silêncio como uma espécie de estratégia, a fim de manter a dominação masculina de forma invisível.

O (suposto) desinteresse pelo próprio gênero é uma espécie de avesso da invisibilidade: a dominação masculina existe, é real, mas é também naturalizada, o que teria como equivalente sustentar que sobre ela não há nada a declarar ou, ainda, o que é pior, que se deve silenciar a respeito da dominação para que ela prossiga em sua rota, incólume. (SIMON, 2016, p. 10)

A análise da obra de João Antônio neste trabalho se dá por conta do tratamento dessa questão: os personagens da obra deste escritor, em sua maioria, são homens, partes do povo humílimo de grandes capitais brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, retratos verazes das camadas sociais marginalizadas.

O leitor da obra do escritor paulistano se depara com personagens que representam o desconforto e o mal estar social; indivíduos que reproduzem a condição de inferioridade social em ambientes estereotipados, onde a virilidade e a violência são afirmadas, vistas como hábitos e práticas comuns.

Paulinho Perna Torta e Joãozinho da Babilônia trazem à luz diversos conflitos existenciais e afetivos por meio da tentativa de anulação dos próprios sentimentos, apresentando dificuldades de gerir seus afetos. São indivíduos marginalizados que aprendem desde cedo a se expressar por meio da violência, como se o comportamento agressivo e viril fosse a única expressão “disponível” ao homem heterossexual, abstendo-se de quaisquer manifestações de afeto ou emoção, como se coubesse apenas a homossexuais e mulheres a expressão de seus sentimentos.

Ainda que seja necessário contextualizar as masculinidades nos estudos de gênero, o objetivo desta pesquisa não é explorar o desdobramento dessas questões, mas, contextualizar

masculinidades e gênero direcionando a análise especificamente à representação das masculinidades nas narrativas de João Antônio selecionadas para o *corpus* desta pesquisa.

Para dialogar a respeito das questões subjetivas e sociais do universo masculino foram selecionados dois contos do escritor João Antônio: “Joãozinho da Babilônia” e “Paulinho Perna Torta”.

Os contos foram divididos em duas abordagens distintas: os desgraçados e os mal-amados. A primeira analisa o conto “Paulinho Perna Torta”, verificando o ambiente e as situações que influenciam na formação masculina, compreendendo a virilidade como um processo, a fim de compreender a formação da virilidade no indivíduo marginalizado.

No segundo momento, “mal-amados”, trata da sobreposição do poder aos afetos. Por meio da narrativa “Joãozinho da Babilônia” analisa-se o homem em disfunção com os sentimentos, apontando conflitos emocionais e existenciais silenciados no cotidiano masculino.

A divisão deste trabalho se dá em três capítulos que se subdividem, além das considerações iniciais e as considerações finais, que abordam reflexões teóricas e metodológicas suscitadas pelo objeto de estudo.

No primeiro capítulo, apresenta-se o escritor João Antônio, destacando a especificidade de sua produção ficcional, destacando alguns pontos importantes para a compreensão da contística do autor.

No segundo capítulo, contemplam-se considerações que dizem respeito aos estudos sobre masculinidades, abordando questões teóricas que contribuem com a percepção aprofundada dessa questão.

No terceiro e último capítulo encontram-se as análises específicas das narrativas de João Antônio com enfoque nas masculinidades, apresentando as devidas considerações e reflexões acerca do objeto de pesquisa; observando: 1- a performance das masculinidades; 2- os afetos expressos e omitidos pelos personagens; 3- o contexto marginalizado em que se desenvolvem as ações dos personagens.

Nas considerações Finais, apresentam-se os resultados obtidos no percurso deste trabalho, refletindo o texto literário como aporte para desconstrução dos estereótipos masculinos, propondo uma reeducação sentimental e masculina por meio da Literatura de João Antônio.

1. JOÃO ANTÔNIO, HOMEM COM H MAIÚSCULO

*Para mim, certas fugas não valem.
Os porres resolvem o problema do dono do bar.
E certos vícios, com autenticidade são até virtude*

(João Antônio, Boca do Lixo, Jan. 1963)

João Antônio Ferreira Filho (1937 – 1996) estreou na Literatura Brasileira em 1963 com a obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, lançado pela editora Civilização Brasileira.

O livro foi um sucesso de crítica, graças ao trabalho sutil e apurado do escritor de dar vida literária a uma camada social esquecida. Estão lá: engraxates, mendigos, prostitutas, traficantes, jogadores, apostadores, camelôs, operários, bandidos de um modo geral, entre tantos outros.

De origem humilde, o escritor sempre demonstrou apreço pelas camadas sociais marginalizadas, tanto que o indivíduo socialmente excluído é o epicentro de sua obra. A ênfase “Homem, com H maiúsculo” no título é referente ao protagonismo masculino aos personagens e performances do escritor, como destaca a pesquisadora Telma Silva (2009), João Antônio Ferreira Filho “nunca se afasta da ‘máscara’ de Homem, grafado com maiúscula, como ele próprio gostava de usar, como forma de reafirmação da masculinidade” (SILVA, 2009, p. 169). Deste modo, temos a marginalidade e as masculinidades como pontos a serem investigados na obra de João Antônio.

Leão de Chácara é uma das obras mais importantes de João Antônio. Trata-se da segunda publicação do autor, após um hiato de doze anos desde sua estreia. O livro é dividido em duas partes: a primeira, “Três contos do Rio”, contempla os contos “Leão de Chácara”, “Três Cunhadas – Natal 1960” e “Joãozinho da Babilônia”; enquanto a segunda parte, “Um conto da boca do Lixo”, traz o clássico “Paulinho Perna Torta”, publicado inicialmente na coletânea *Os Dez Mandamentos* (1965).

Em resumo, de acordo com a Dra. Luciana Cristina Correa, a segunda obra do escritor paulistano preserva a essência da obra de João Antônio: “A aversão ao sistema de organização social, traduzida numa visível aversão à ordem social que lhe é negada, o desejo de modificar e racionalizar a realidade como ela se apresenta” (CORREA, 2002, p. 91).

A vida sofrida em diversos lugares de São Paulo garantiu que João Antônio pudesse oferecer ao leitor um olhar apurado sobre a capital paulistana e cidades vizinhas, tanto que seus personagens circulam por muitos desses espaços por onde passou o autor, lugares como Vila Pompeia, Osasco, Perdizes, Lapa, Água Branca, Barra Funda, Pinheiros, entre outros, parte dos caminhos percorridos por Malagueta, Perus, Bacanaço, Paulinho Perna Torta, Laércio Arrudão, e tantos outros personagens. Assim ocorre da mesma forma quando o escritor se muda para o Rio de Janeiro e leva para seus textos esse mesmo olhar atento sobre a capital carioca.

A motivação deste estudo se dá pelo fato de que a afirmação da própria masculinidade é um elemento comum da performance escrita de João Antônio. A professora Dra. Telma Maciel da Silva (2009) apresenta a masculinidade como um dos elementos mais expressivos da obra do escritor de “Leão de Chácara”:

A masculinidade é um dos valores supremos em toda a produção de João Antônio. Para ele, escrever é uma expressão dessa virilidade, o que se observa tanto nos textos ficcionais quanto nas cartas, sendo que esta linguagem encerra uma forma de luta de classes e, mais uma vez, uma resistência perante a modernidade. (SILVA, 2009, p. 169)

A pesquisadora considera que essa afirmação constante da masculinidade se dá como uma performance, termo aqui empregado de acordo com Diana Klingler (2007), como caráter teatralizado da imagem do escritor. Esse tom performático seria em razão da afirmação da própria masculinidade, que, segundo a pesquisadora, permite que o escritor se mantenha vinculado ao passado e às suas referências culturais e masculinas.

A afirmação dessa masculinidade é também uma forma de ligação com o passado. João Antônio busca nesse ideal algo que o aproxime de seus ídolos de infância e adolescência. Graciliano Ramos; Nelson Cavaquinho; os escritores russos em geral. O “Poeta da Vila”, Noel Rosa; o jogador de futebol Almir Pernambuquinho ou o próprio pai do escritor são ícones dessa qualidade. Assim, o contista coloca a sua linguagem a serviço desse ideal, mostrando-se contido e sempre expressando suas emoções de forma contundente, mas sem qualquer sentimentalismo, o que, segundo seus padrões, poderia ser associado a traços femininos. (SILVA, 2009, p. 169)

É interessante a aproximação que a pesquisadora faz da figura masculina de João Antônio com suas referências, pois é bastante frequente a menção aos ídolos declarados do

escritor. “Mesmo os autores estrangeiros (...) são aqueles autores eternos, os Cervantes, os Dostoiévskis, os Balzacs, os homens para os quais a literatura é corpo-a-corpo com a vida e não uma atitude literária, vazia de sentido” (ANTÔNIO, 2002, p. 180). Embora as considerações do escritor tragam alguns dos grandes escritores universais, as influências mais marcantes da obra de João Antônio são ainda da Cultura Brasileira, segundo ele: “gente para qual a literatura não teve um minuto que significasse brinquedo, a literatura não era pó de vaidade, ela era objeto da vida” (ANTÔNIO, 2002, p. 179). São palavras do escritor sobre Manuel Antônio de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Lima Barreto.

Esse último ocupando um lugar especial nas influências de João Antônio, tanto que existem algumas dedicatórias de suas obras ao escritor Lima Barreto. Inclusive, a obra “Leão de Chácara” é dedicada a Daniel Pedro de Andrade Ferreira, filho do escritor, e consagrada a Lima Barreto: “a Afonso Henrique de Lima Barreto – pioneiro – consagro” (ANTÔNIO, 2002, p. 19). O autor e sua literatura de resistência sempre apareceram na obra de João Antônio como um símbolo de coragem e enfrentamento. Certamente João Antônio contribuiu para o fomento e para a difusão da leitura das obras do escritor carioca, tamanho a admiração propagada pelo autor:

Um mulato que pagou caro pelo talento que teve, ainda mais porque assumiu a sua condição de negro, enfrentou todos os percalços e dificuldades que isso impunha, e fez uma obra simplesmente, a meu ver, única no Brasil. (ANTÔNIO, 2002, p. 178-179)

Inspirado por ações de Lima Barreto e outros escritores, João Antônio Ferreira Filho ficou conhecido por sua luta pelos direitos profissionais do escritor no Brasil, inclusive por buscar ampliar ao máximo a divulgação do seu trabalho literário, contribuindo com a propagação de suas próprias obras desde o início da carreira. A luta pelo reconhecimento como razão de orgulho: “luto à minha maneira e estilo, contra o tabu do autor nacional não ser lido. E o resultado é que meu “Leão de Chácara” se tornou um sucesso, batendo pornografias e facilidades” (ANTÔNIO, 2002, p. 162).

Nos últimos anos a circulação das obras de João Antônio teve alcance maior de público. A partir de 2001, a editora Cosac Naify reinseriu no mercado alguns de seus livros, até que em 2012 lançou a seleção *Contos Reunidos*, o que foi extremamente importante para a difusão do seu trabalho literário.

Embora João Antônio tenha sido um escritor que de certa forma usufruiu do reconhecimento artístico, em tempos próximos de sua morte pouco se lembrava das grandes narrativas do escritor paulistano. Em 1998, Fernando Bonassi, um dos grandes representantes da nova geração de escritores marginais, pronunciou-se a respeito da morte de João Antônio afirmando que o escritor paulistano ‘aparentemente’ morreu sozinho em seu apartamento, praticamente esquecido.

Na época do ocorrido, em 1996, ao arrombar a porta do apartamento do escritor, a polícia se deparou com um corpo em estado avançado de decomposição. Bonassi chamou atenção: “eu digo ‘aparentemente’, pois desconfio que o escritor João Antônio estava morto ‘nesse local ainda hoje chamado de Brasil’ algum tempo antes disso” (BONASSI *apud* LACERDA, 2012, p. 13).

Pouco mudou de lá para cá, recentemente diante da morte de outro grande escritor, João Gilberto Noll, pouco se falou da perda desse grande ficcionista brasileiro, lembrado por Fabrício Carpinejar no artigo: “João Gilberto Noll foi assassinado”, publicado na página do Jornal Zero Hora, em 30 de março de 2017, relatando a indiferença com que Estado e sociedade tratam figuras significativas para cultura brasileira, nesse caso, tanto Noll, quanto João Antônio. E quantos outros tantos ainda serão esquecidos se a crítica não voltar a reparar nas produções culturais brasileiras.

O fato é que a Literatura deve ser lembrada, pois como se observa neste estudo, uma obra tem sempre algo nos dizer. Hoje, vemos que a obra de João Antônio tem a nos oferecer uma nova perspectiva da sociedade, observando a performance masculina e marginalizada de seus personagens. Rodrigo Lacerda (2012) lembra os elogios feitos pela crítica sobre a obra de João Antônio, que na verdade se dividiam em dois pontos: João Antônio como porta-voz dos marginalizados, ou como novo representante da literatura paulistana.

A produção do escritor paulistano foi vista pela crítica como equivalente a Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Antônio de Alcântara Machado. Para o escritor tais comparações não faziam sentido, já que sua obra se distanciava muito do trabalho realizado pelos dois primeiros, e quanto à comparação com Alcântara Machado, julgava-se “menos anedótico” e mais profundo, além de se sentir desconfortável com a comparação que se estendeu durante muitos anos, como pode ser verificado na resenha intitulada: “Um cronista

da noite” assinada por L. M. e publicada no jornal O Estado de São Paulo em 03 de outubro de 1967.

1.1 A PELE E AS VÍSCERAS: LINGUAGEM E PERSONAGENS

A linguagem ríspida de “Leão de Chácara”, segundo Candido (1996), marca a frieza como uma “neutralidade estratégica”. Candido correlaciona a linguagem ao conceito de “zona de contato”, desenvolvido por Bakhtin (2002), pois ainda que se trate de uma linguagem estilizada, está próxima da realidade social representada, deste modo, apontando a “prosa dura” como adequada a representar a sociedade.

A zona de contato se adequa à condição da escrita de João Antônio de ir a campo, praticando a literatura em pleno “corpo-a-corpo”. Tal exercício deu especificidade aos narradores de suas obras. Como constata Martin (2008) na narração de “Malagueta, Perus e Bacanaço” (1963): “um narrador onisciente que demonstra excepcional familiaridade com o submundo do jogo” (MARTIN, 2008, p. 133). A narração do segundo livro de contos do autor segue a mesma perspectiva. Pode-se ver que o escritor já considerasse uma nova percepção sobre a figura do malandro, o que já refletia a definição do escritor para o termo “merduncho”, tão recorrente em suas obras:

A gíria, então, nasce de onde está o que se chama hoje de marginalia, e que eu chamo de merduncho. Aliás, eu já tenho uma certa ojeriza à palavra malandro. Embora eu tenha usado isso em “Malagueta, Perus e Bacanaço”, e em “Leão de Chácara” eu já use menos, daqui pra frente vou usar cada vez menos. Realmente não existe malandro, existe é o merduncho, entende, que é um pingente urbano, um sobrevivente em péssimas condições. (ANTÔNIO, 2002, p. 177)

Dar voz a esses “pingentes urbanos” seria uma forma de João Antônio tornar sua literatura um símbolo de resistência cultural e intelectual. Sejam malandros ou merdunchos, trata-se da literatura a serviço dos excluídos, dos mal vistos pela sociedade conservadora. Os personagens do autor são donos de uma linguagem próxima ao vocabulário das ruas das décadas de 50/60, tanto que o escritor compilou em “Vocabulário das Ruas” (2012) as gírias e expressões coloquiais apuradas nas ruas, nos bares, nas boates, nos trens e nas sinucas, tal a importância que João A. concedia à linguagem.

Eu sempre procurei trabalhar com a língua do povo em termos de transfiguração artesanal. Eu não aproveito a gíria apenas enquanto vocabulário, mas também como sintaxe. Eu sempre procuro estabelecer uma sinonímia qualquer, nos capítulos, períodos e tal, para abrir ao leitor comum. (ANTÔNIO, 2002, p. 176)

A questão da linguagem é um ponto forte na obra de J. A., por conta da caracterização fiel que ele desenvolveu em seus personagens, e que veremos nos trechos destacados nas análises. A linguagem é o cartão de visita da obra de João Antônio: as gírias, a descrição dos gestos, os palavrões, as figuras de linguagem diversas, e o lirismo, na maioria das vezes em tom melancólico se fundem e soam únicas, tal como um samba de Noel Rosa, que tem por excelência o timbre irônico e melancólico, entoado em metais agudos e num violão dedilhado com agilidade, eis a trilha sonora da obra de João Antônio, o samba irônico e melancólico do Poeta da Vila.

Seu trabalho apresenta um apuro com a linguagem viva, dinâmica, buscando dar sentido ao personagem representado em seus contos. “E se alguém não entender bulhufas nenhuma das palavras, entenderá tudinho do sentido, porque é porrada do começo ao fim (...) o sujeito vai entender até por no ouvido” (ANTÔNIO, 2002, p. 176). Nesse sentido, Abreu (2014) considera o efeito da linguagem nas obras como uma unificação do estilo pessoal de escrita do autor somado ao vocabulário colhido nas ruas.

João Antônio rompe convenções estilísticas e repete palavras à vontade, emprega com eficiência o subentendido, acolhe assonâncias e produz desvios, mas cria trepidação expressiva. Com personagens decaídos e marginais, intenta iniciar o leitor na esfera dos excluídos, no seu modo de subsistir. Sua relação de escritor com a tradição estilística se dá pela uniformização da escrita, pelo efeito alcançado pela unificação do estilo pessoal à linguagem irregular, que subtrai aos marginais das noites na cidade, voz transfigurada pela atividade criadora de escritor. (ABREU, 2014, p. 9)

Na visão do autor, o dinamismo da linguagem coloquial garante a compreensão do leitor. Embora haja tantas expressões desconhecidas ao leitor desavisado, entendem-se os termos pelo contexto, afinal a observação apurada do escritor garantiu a seus personagens a expressão espontânea do malandro, onde gestos muitas vezes equivalem às falas, e por conta disso, analisa-se a performance, inclusive.

Os personagens Paulinho Perna Torta e Joãozinho da Babilônia são objetos deste estudo por conta da representatividade. De modo geral, ambos são extremamente importantes para o conjunto da obra de João Antônio e também incorporam aspectos sociais relevantes para a presente pesquisa. Desde a caracterização como malandros, seguindo sua ética própria de comportamento trapaceando otários, até o desconforto com relação à própria condição.

A condição de marginalização dos personagens, expressa na ficção dá suporte ao debate social. Nesse sentido, Anatol Rosefeld (1972) considera a literatura como suficiente para representar aspectos sociais reais, já que o texto literário incorpora comportamentos humanos afirmados no cotidiano, afinal: “é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos definidos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo também exemplar (exemplar também no modo negativo)” (ROSENFELD, 1972, p, 45). Esses “seres humanos definidos” possuem uma representação singular na obra de João Antônio, são indivíduos excluídos socialmente e que pouco figuram as páginas dos jornais com destaques positivos. João Antônio dá vida e humaniza esses excluídos sociais: “eu achava que apesar de sofrido, de mais malvestido, era um pessoal muito vivo e humanamente muito colorido, muito interessante” (ANTÔNIO, 2002, p. 178).

Por conta disso, a obra de João Antônio é marcada pela singularidade dos seus personagens. Nesse sentido, a pesquisadora Luciana Cristina Correa (2008), em sua dissertação intitulada *Merdunchos, malandros e bandidos: estudo das personagens de João Antônio*, contribui com a compreensão dos personagens do autor paulistano neste trabalho.

Os personagens de João Antônio são imediatamente vistos como indivíduos desassistidos pelo sistema social, de acordo com a pesquisadora. Mesmo a malandragem sendo quase sempre lembrada pela abolição de normas, existe um sistema que subdivide essas figuras em categorias distintas conforme seus atos praticados, o que determina suas relações de poder. E são nessas relações de poder que se situam as especificidades dos personagens. De acordo com a pesquisadora, essas figuras são categorizadas pelo próprio autor, distinguindo-se entre malandros, merdunchos e bandidos. Enquanto o proletariado é representado pelos otários, indivíduos que sofrem com a condição de pobreza, mas que não violam as regras sociais para benefícios próprios, tal como os malandros costumam fazer.

Em “Leão de Chácara” a ousadia do malandro é transgressora. Na perspectiva dos personagens, ser malandro significa ter de ser homem duas vezes. Martin (2008), afirma:

A lógica que prevalece na relação entre os malandros: mesmo conluiados, precisam afirmar sua superioridade – poder, força, ou esperteza que os fazem menos suscetíveis às armadilhas constantes que os podem deixar numa situação ainda mais desfavorável. (MARTIN, 2008, p. 135)

Essas reafirmações de poder, força ou esperteza são pontos recorrentes na questão das masculinidades, é por meio da malandragem que o indivíduo consegue driblar a condição de exclusão, diante de uma realidade que maltrata a todos: otários, bandidos ou malandros, tanto que a angústia é presente também entre os malandros.

O trabalho de pesquisa da Prof.^a Dra. Vima Martin é mais precisamente sobre a obra “Malagueta, Perus e Bacanaço”, no entanto, as considerações da pesquisadora sobre a figura do malandro são bastante pertinentes neste estudo, pois a tensão entre norma e conduta é um fator determinante também entre os malandros de “Leão de Chácara”:

A configuração dos protagonistas da obra de João Antônio, ou seja, seus traços psicológicos e suas ações, bem como a relação que eles estabelecem com o mundo concreto, afirmam sua afinidade com os protagonistas dessa tipologia narrativa. Equilibrando-se entre a norma e a infração, eles vivem em profunda desarmonia com as convenções sociais e não conseguem vislumbrar qualquer saída plausível para seus dilemas. São personagens profundamente melancólicas. (MARTIN, 2008, p. 72)

A pesquisadora relaciona essa melancolia observada nas personagens com o sentimento dos protagonistas dos romances categorizados por Lukács (2000), o que o teórico define como o “romantismo da desilusão”. Embora se trate de considerações sobre o romance, as inquietações dos personagens de João Antônio os aproximam dessa categorização, já que a definição do teórico focaliza o indivíduo problemático, dialogando com os personagens Joãozinho da Babilônia e Paulinho Perna Torta. Ambos lidam constantemente com o fracasso, vivendo em desarmonia com as convenções sociais; estão condicionados à derrota, já que não encontram meios de sair da condição de marginalizados, estes vivem a vida carregando na boca o gosto amargo da melancolia, o tempo todo.

1.2 DA CONTÍSTICA JOAOANTONIANA

De modo geral, o conjunto dos contos de João Antônio compõe um material extremamente rico que vai desde o trabalho apurado com memória e ficção, outra

especificidade do escritor é a produção do gênero conto-reportagem, que também é um trabalho literário, entretanto, focado nas notícias que não circulavam pelos jornais por conta da censura implantada pela ditadura militar, iniciada oficialmente em 1964, com a publicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5).

São diversos os elementos que compõem os contos deste escritor, dentre os quais predominam as influências do jornalismo, a linguagem estilizada, as frases curtas e a presença de personagens que retratam a periferia das capitais brasileiras. A compreensão do enquadramento teórico dos contos de João Antônio pode ser feita a partir da comparação das características dos contos de “Leão de Chácara” com os pressupostos teóricos e críticos do gênero “conto”.

Em “Filosofia da Composição” (1997), o escritor e crítico norte-americano argumenta que tem de haver originalidade na manifestação desse efeito singular e surpreendente. O conto precisa necessariamente ser breve, tendo de ser uma narrativa que apresente objetividade, correspondendo à dinâmica do indivíduo moderno, além de possuir intensidade e gerar compreensão, e claro, um final surpreendente. Constituintes formais que, segundo o autor, garantem a absorção do leitor no momento da leitura.

Os contos de João Antônio não obedecem a rigor todos os elementos pontuados por Poe, tanto que a brevidade não é uma característica das narrativas abordadas neste estudo. A extensão do conto “Paulinho Perna Torta” se aproxima de uma novela.

A pesquisadora Clara Ávila Ornellas (2008) considera a intensidade e a compreensão como marca das considerações teóricas de Poe no conjunto dos contos do escritor brasileiro, “a compreensão e a intensidade merecem, de fato, serem referidas porque João Antônio primou por utilizar frases sintéticas e plurissignificativas” (ORNELLAS, 2008, p. 194). A pesquisadora considera tangencial a questão da brevidade nas obras do escritor paulistano, pois algumas das narrativas são curtas, enquanto outras são longas.

A contística de João Antônio contempla o mundo sob a ótica da solidão, tanto que a influência da literatura russa se reflete na obra do escritor brasileiro, dentre os quais se destacam: Fiódor Dostoievski, Anton Tchekhov e Máximo Gorki, de acordo com Ornellas (2009).

Anton Tchekhov destaca-se aqui pelo fato de ser um dos responsáveis pelas formulações teóricas do conto. Em carta dirigida ao seu irmão Aleksander Tchekhov, em

1886, formalizava os constituintes básicos para o conto: a ausência de discussões de natureza político-sócio-econômica; objetividade; descrição apurada; brevidade; originalidade e sinceridade. Em João Antônio, destacam-se as descrições apuradas, a originalidade e a sinceridade.

A ficção do contista russo traz fragmentos da vida cotidiana na forma de enredos sem grandes ações, conflitos e situações que demonstram frustrações sempre presentes por conta de expectativas não realizadas. Enquanto a obra de João Antônio apresenta personagens que são guiados pelos acontecimentos, que buscam garantir a própria sobrevivência, ou pelo menos, procuram satisfações momentâneas que possam confortar a própria condição, nesse sentido, cabe dizer que a vida frustrada pode ser um elemento comum entre os personagens de ambos os contistas.

Com relação ao período em que se situa a produção de João Antônio, mais especificamente dos contos analisados nesta dissertação, é importante situá-los como contos brasileiros contemporâneos, correspondendo à época em que foram publicados. Alfredo Bosi (1975) caracteriza a narrativa joaotoniana como “brutalista”, por conta da dicção rápida, um tanto quanto compulsiva, chegando a ser até mesmo obscena e próxima da linguagem oral: “Literariamente: o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção” (BOSI, 1975, p. 6). As narrativas de João Antônio, ora sintéticas, ora em textos maiores e mais detalhes condensam sempre uma perspectiva intensa na narração, seja pelo olhar do malandro ou do bandido.

Bosi (1975) considera ainda o contista como uma espécie de “pescador de momentos singulares”, das quais, o crítico entende como momentos repletos de significação. Tal apontamento se dá pela capacidade que João Antônio tem de reinventar a realidade, explorando uma ótica que outros autores não exploraram. Ao analisar o discurso ficcional das obras de J. A., o crítico visualiza tensões específicas associando o momento vivido no Brasil naquele período: um capitalismo desenfreado junto à opressão política, algo que possivelmente tenha contribuído com a desigualdade social representada nas obras de João Antônio; desigualdade que vê observa por meio das condições de vida, do comportamento e das falas dos personagens, manifestando continuamente descontentamento e frustrações.

Sobre a linguagem dos contos, Candido aponta: “não se pode dizer que João Antônio escreva como fala (mesmo porque nos seus ensaios e artigos a coisa é outra), embora, se

possa dizer que elaborou uma voz narrativa manipulando da maneira mais fiel possível com a comunicação oral” (CANDIDO, 2012, p. 578). A fidelidade à oralidade das ruas aproxima ainda mais a obra de João Antônio do indivíduo marginalizado, representado em suas narrativas.

Aproximando os pressupostos teóricos do conto aos objetos de análise em questão, apontam-se: as masculinidades e a marginalidade. Nesse sentido, as considerações teóricas de Frank O’Connor (1963) e Sean O’Faolain (1972) são as perspectivas que dialogam com as características dos contos de João Antônio. Trata-se do enquadramento dos contos de João Antônio segundo a pesquisadora Clara Ávila Ornellas (2008), pois são esses os estudos do conto moderno que compreendem o indivíduo problemático como um dos pontos mais expressivos da narrativa.

O’Connor (1963) compreende a voz solitária do narrador como um ato dialógico com o leitor; as inquietações do leitor contemporâneo dialogam com a angústia do narrador, pois ambos são solitários. Enquanto a aproximação com os pressupostos teóricos de O’Faolain (1972) se dá pelo fato de a temática ser considerada como ponto central da produção do conto, e nos contos de João Antônio, a marginalização da sociedade é um dos temas recorrentes em sua produção.

Para considerações teóricas acerca da teoria do conto, tomemos por base a narrativa *Joãozinho da Babilônia*, que se inicia em tom de memória, possibilitando a aproximação do leitor com a voz narrativa por meio da confissão do narrador: “mando ao diabo uma lembrança. Mas sinto um medo” (ANTONIO, 2012, p. 67). Essa aproximação com o leitor é interessante, pois cabe na perspectiva teórica de O’Faolain, que destaca para o conto a importância de um início em que o leitor possa se identificar, estimulando o interesse do leitor pela história breve que se segue. O’Connor traz à teoria as vozes solitárias que dialogam entre si no conto moderno: narrador e leitor.

Segundo O’Connor, o conto que não aborda a temática da solidão humana e não se volta para o moderno leitor solitário não tem êxito porque essa lacuna atestaria uma produção que não causa impacto no leitor e, logo depois de lida, acabaria sendo esquecida. (ORNELLAS, 2008, p. 212)

Ambos os teóricos estão muito próximos com relação à teorização dos aspectos do conto moderno, sendo o conceito de “população submersa”, de O’Connor, o que os distingue

por completo: “o conto reflete vozes de grupos sociais marginalizados pela sociedade, por ele denominados de *população submersa*” (ORNELLAS, 2008, p. 1963). O olhar coletivo, de uma literatura que não se põe indiferente a problemáticas sociais como a desigualdade, a violência, a opressão é observado na obra de João Antônio. O conceito de população submersa não se limita a indivíduos de classes específicas. Trata-se de personagens típicos da contemporaneidade; personagens que não possuem a esperança de um futuro melhor, que vivem condenados pela própria condição. Tais como lidam constantemente com angústias humanas, dentre as quais a solidão se destaca, algo que se aproxima da obra de João Antônio.

A solidão é recorrente entre os personagens de João Antônio, tanto que se trata de um afeto que está presente na performance masculina dos personagens. Esse tom performático também se verifica nas correspondências do autor, como explica Almeida (2016) “João Antônio se colocava como escritor boêmio, marginalizado, pobre e um pouco irresponsável quando se tratava das doses ingeridas em coquetéis literários” (ALMEIDA, 2014, p. 89). O tom performático do escritor, de acordo com as pesquisas desenvolvidas em suas correspondências, se dá por garantir a João Antônio uma aproximação com seus ídolos.

Como destaca a pesquisadora Telma Silva (2009), o elo entre o escritor e suas referências é intenso pelo fato de que essas influências culturais permitem um acesso ao passado, além de serem úteis para reafirmação da masculinidade. São elementos da memória do autor que nos permitem constatar que João Antônio soube refletir sobre sua vivência pessoal, fazendo de sua ficção uma confluência entre memória e imaginação.

Também as narrativas assumidamente ficcionais trazem essa questão. Na grande maioria delas, veremos protagonistas homens, às voltas, quase sempre, com sentimentos que não conseguem gerir e que, se declarados, poderiam pôr à prova essa masculinidade. (SILVA, 2009, p. 170)

No caso de João Antônio, sendo o conto na perspectiva de O’Faolain, uma exposição da personalidade do escritor, a identificação de dados biográficos revela aquilo que o próprio João Antônio dizia sobre o ‘corpo-a-corpo’ com a literatura, da experiência real como forma de dar voz a indivíduos antes sempre calados, nas palavras do próprio escritor:

São vidas de trânsito comovido. Impossível percorrê-las sem me sensibilizar. Quase tudo gente aparentemente sem grandeza, pouco percebida pelo registro oficial, quase nunca notícia em lugar nenhum do rádio, da tevê ou dos jornais do país hoje. Mas são gentes nas quais eu tropeço aí pelas ruas

(...) Creio, sem discursar, que o simples fato de sobreviverem e a gana que põem nisso é um crédito à vida. (ANTONIO, 2012, p. 574)

A solidão se torna uma marca expressiva das narrativas de João Antônio, tal como a ausência de um herói em sua prosa, algo que se relaciona diretamente com a teoria do conto segundo O'Connor (1963): "In fact, the short story has never had a hero (...) what it has instead is a *submerged population* group" (O'CONNOR, 1963, p. 9), há a ausência completa de um herói, são otários, merdunchos, malandros e bandidos, sem espaço para um salvador, apenas indivíduos problemáticos que não se encaixam no padrão social.

A poética da exclusão na obra de João Antônio, segundo Ornellas, permite a aproximação da obra do escritor aos pressupostos teóricos de O'Faolain e O'Connor:

A fidelidade à temática da marginalização social, a proeminência da cidade como espaço de suas histórias e a presença de personagens situados à margem da sociedade. Se uníssemos seus textos em um único volume o que teríamos? Uma longa representação da ambiência urbana circunscrita à realidade da zona de exclusão, em que atestamos a presença de homens, mulheres e crianças vagando pelas ruas em busca da sobrevivência material. As almas desses seres só têm a certeza da convivência com uma solidão e um desamparo permanentes, que os impede de vivenciar determinados aspectos e sentimentos humanos. (ORNELLAS, 2008, p. 219)

A partir do reconhecimento da condição da personagem é possível verificar qual *população submersa* o escritor elege para destacar no conto: indivíduos marginalizados que não se encaixam num padrão social elitizado, conhecidos no conjunto da obra do autor, o que ressalta também a rigorosidade temática destacada por O'Faolain (1972) como característica primária do conto moderno. Uma característica específica na contística de João Antônio é a humanização desses indivíduos marginalizados, a ponto de destacar a esperteza e a malandragem como formas de sobrevivência comum à condição de tais homens.

De todo modo, a contística do autor é marcada por características estruturais, como: descrição detalhada, o trabalho apurado com a linguagem, a sinceridade e a originalidade do texto. Em *Joãozinho da Babilônia* e *Paulinho Perna Torta* temos a possibilidade de enfocar as performances masculinas como elementos característicos dessas narrativas, por conta disso, observa-se a prevalência do tom melancólico e solitário das masculinidades marginalizadas, o que pode se justificar nas considerações de Martin (2008):

A minuciosa enumeração das situações subalternas vividas pelos personagens marginalizados (...) atesta a sua impossibilidade de alcançar uma existência de bem-estar social. E os malandros (...) sentem uma necessidade urgente de afastar-se de um mundo ao qual definitivamente não pertencem. (MARTIN, 2008, p. 143)

A performance do malandro, desse homem vivendo a tensão entre norma e conduta, na obra de João Antônio é marcada pela ambivalência. A existência simultânea de valores distintos é o que garante a humanização dos personagens, nem bons, nem maus, apenas em conflito com o seu lugar no mundo.

2. O CORPO-A-CORPO

“Já vi homens sofrendo de doenças mentais e incapazes de pedir ajuda por medo de que isso soasse menos ‘macho’.

No Reino Unido o suicídio é a principal causa de morte entre os homens entre 20 e 49 anos, superando acidentes de carro, câncer e doenças do coração (...)

Já vi homens serem frágeis e inseguros por terem uma imagem distorcida do que é o sucesso masculino. Eles não tem os benefícios da igualdade de gênero assim como nós”.

(Emma Watson)

Em abril de 2017 tive a oportunidade de participar do “VI Colóquio Internacional de Estudos Sobre Homens e Masculinidades”, em Recife/PE. Na ocasião, o Prof. Dr. Benedito Medrado (UFPE) abordava a importância de se promover o intercâmbio de experiências e pesquisas sobre masculinidades, tendo por objetivo do evento a partilha do conhecimento, visando à expansão das discussões acadêmicas sobre homens e masculinidades, a fim de buscar ações afirmativas para políticas de equidade de gênero.

A comissão organizadora do evento envolveu 13 países nessa última edição, e contou com a participação de mais de 400 inscritos das mais diversas áreas do conhecimento. Tive a alegria de poder participar do evento junto a outros pesquisadores do Projeto de Pesquisa: “Papéis masculinos: o enfoque das masculinidades no conto e na crônica a partir do fim do século XX”, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos S. Simon, um dos projetos de pesquisa pioneiros em estudos sobre masculinidades em Literatura. Detalhando esses dados do colóquio, chamo atenção para alguns dos pequenos avanços das pesquisas acadêmicas em masculinidades.

Em pleno século XXI, no Brasil, onde ainda vigora a opressão e a violência, causadas pelo machismo, a realização de um evento cujo enfoque é a discussão de ações afirmativas sobre equidade de gênero é um fio de esperança. Eis a importância dos trabalhos de pesquisa. Além de contribuir com o desenvolvimento humano, o evento serviu para divulgar ações e projetos desenvolvidos no país. Foi assim que descobri a existência de campanhas como a “Campanha Laço Branco”, que ocorre desde 2000, e tem como lema: “Homens pelo fim da violência contra a mulher”.

Esta campanha surgiu a partir de um triste episódio. No dia 6 de dezembro de 1989, um rapaz de 25 anos (Marc Lepine) invadiu uma sala de aula da Escola Politécnica, na cidade de Montreal, Canadá, gritando: “onde estão as feministas?” Ele ordenou que os homens (aproximadamente 48) se retirassem da sala, permanecendo somente as mulheres. Em seguida, ele começou a atirar enfurecidamente e assassinou 14 mulheres, à queima roupa, depois suicidou-se. O rapaz deixou uma carta na qual afirmava que havia feito aquilo porque não suportava a ideia de ver mulheres estudando engenharia, um curso tradicionalmente dirigido ao público masculino. (MEDRADO, LYRA, 2015, p. 86)

Infelizmente a maioria das ações afirmativas sobre equidade de gênero envolvem episódios trágicos: violência contra mulheres, violência contra LGBTs, além da violência de homens contra homens. O machismo oprime e mata todos os dias. Por conta disso, o foco deste capítulo é transcorrer sobre as masculinidades chegando às masculinidades marginalizadas, investigando o desconforto das masculinidades em condições subalternas, causadas pelo padrão de masculinidade hegemônica difundida socialmente.

2.1 DOS ESTUDOS DE GÊNERO ÀS MASCULINIDADES

Embora o presente trabalho esteja direcionado às masculinidades, é relevante que se considere o caminho até aqui: os estudos de gênero. Os estudos de gêneros são pesquisas interdisciplinares que buscam compreender as relações de gênero na sociedade, a maioria desses estudos se desenvolveram a partir da década de 1960 por meio de pesquisas feministas que buscavam compreender a condição da mulher e suas funções sociais, entretanto, esses trabalhos de pesquisa tem incluído novos desdobramentos para questões mais específicas, como os estudos sobre homens e masculinidades.

Os estudos sobre homens e masculinidades têm sido cada vez mais abordados nas mais diversas áreas do conhecimento, e têm como questão central a masculinidade hegemônica. Essa noção de masculinidade tem se perpetuado como elemento conservador, mas que na realidade se trata apenas de um aspecto cultural responsável pela propagação da opressão e da difusão de preconceitos, uma visão equivocada de conservadorismo que diz agir em nome da honra masculina, mas que acima de tudo age como agente responsável pela difusão da violência e da opressão.

A sociedade em passos lentos começa a compreender o problema dos estereótipos de gênero. Diversas marcas têm dado início a campanhas de conscientização sobre como o machismo é prejudicial não somente à mulher, mas também ao homem. Em janeiro de 2016, a marca Axe adotou a campanha: “Find your magic”, cujo intuito era exaltar as masculinidades para além da noção hegemônica, mostrando que se reconhecem as masculinidades em seu aspecto plural justamente por conta da existência de diversas expressões de masculinidade.

A marca agia em contrapartida com a publicidade de outra marca concorrente que utilizava da figura de homens fortes como símbolos de masculinidade e virilidade, reforçando o principal estereótipo masculino. Segundo a revista: “os estereótipos de gênero estão por todos os lados na propaganda, principalmente as que promovem produtos de higiene pessoal, costumam exibir homens fortes e que esbanjam masculinidade” (EXAME, 2016). O intuito da campanha assinada pela 72andSunny era de celebrar as masculinidades, pois o que se propaga geralmente em campanhas é a necessidade de adquirir determinado produto para não se sentir inferior, ou ser igualmente homem. A agência responsável pela campanha explicou que o objetivo foi propagar a inclusão, contribuir com a disseminação da confiança e libertar os homens da ideia estereotipada que se tem sobre “ser homem”.

Espera-se que ao desenvolver este estudo sobre masculinidades e relações de gênero, possa-se integrar o trabalho na mesma perspectiva adotada por Medrado & Lira (2008), segundo a qual, compreende-se a pesquisa em masculinidades como uma ferramenta útil para debater sobre questões além dos signos culturais masculinos representativos: “investigar sobre masculinidades significa não apenas apreender e analisar os signos e significados culturais disponíveis sobre o masculino, mas também discutir preconceitos e estereótipos e repensar a possibilidade de construir outras versões e sentidos” (MEDRADO & LIRA, 2008, p. 825).

Trata-se de uma questão bastante ampla. Por conta disso, direcionamos esta questão ao foco deste trabalho, ou seja, concentrando as considerações sobre gênero no campo de estudos sobre masculinidades, e de qualquer modo, desconsiderando as noções de gênero baseadas no senso comum.

O gênero é uma estrutura social de um tipo particular – envolve uma relação específica com os corpos. Esse aspecto é reconhecido no senso comum que define gênero como uma expressão de diferenças naturais entre homens e mulheres (...) O que está errado com a definição do senso comum não é a atenção aos corpos, nem a preocupação com a reprodução sexual, mas a tentativa de inserir a complexidade biológica e sua adaptabilidade numa

dicotomia rígida, e a ideia de que os padrões culturais apenas expressariam diferenças corporais. (CONNELL & PEARSE, 2015, p. 47-48)

Ao buscar centralizar tal questão dentro destes estudos, tomamos por base as considerações de Connell & Pearse (2015). Ambas, buscam definir gênero numa perspectiva global e atualizada:

O gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais. De maneira informal, gênero diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com seus corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse “lidar” para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo. (CONNELL & PEARSE, 2015, p. 8)

Connell & Pearse destacam ainda que as pesquisas modernas acerca dessa questão foram disseminadas a partir de movimentos feministas na luta por equidade de gêneros. O que impulsionou a busca das mulheres por igualdade entre gêneros é o fato de que ainda na maior parte do mundo, continua-se conferindo privilégios aos homens e desvantagens às mulheres.

Tanto as vantagens, quanto os privilégios variam de acordo com os lugares. Há países onde a desigualdade e a opressão às mulheres é muito maior. As mudanças vêm ocorrendo gradativamente:

Seria ingênuo pensar que as mentalidades mudaram radicalmente, pois isso leva tempo e, como se pode atestar, apesar das profundas transformações ocorridas nas últimas décadas no que diz respeito à relação entre os sexos, os simbolismos ou representações de gênero (em especial do masculino) ainda não sofreram grandes mudanças. (RAMOS, 2000, p. 56)

No terceiro capítulo desta dissertação, verifica-se a realidade do Brasil em meados da década de setenta, conforme é representada na obra de João Antônio. Os homens são privilegiados desde muito antes, o que é fato, enquanto as mulheres sofrem diariamente com abusos sexuais e de violência. Parece exagerado ou até mesmo desnecessário reiterar informações como essas, mas aprendemos na academia que o óbvio também precisa ser dito, portanto, existe sim desigualdade de gêneros no Brasil. A desigualdade social que prevalece no Brasil desde o período analisado parece ser um agravante nesses casos, pois incentiva outras medidas de exploração da mulher, como a prostituição por exemplo.

As discussões sobre gênero, ainda que sejam alvos de preconceitos e mitos, trazem considerações de extrema relevância para o cenário social atual. Os debates sobre gênero integram questões afiadas sobre direitos humanos, violência, noções de bem estar social, dependência econômica, relações intergeracionais, dentre outras, pois, como atentam Connell & Pearse: “se as ordens emergentes se propõem a ser justas, pacíficas e humanizadas – o que não é necessariamente dado -, precisamos de conhecimento bem fundado e de uma compreensão sofisticada sobre as dinâmicas de gênero” (CONNELL & PEARSE, 2015, p. 27).

Há muitas problemáticas que podem vir a afetar homens e mulheres, como por exemplo, ao pensarmos na questão da violência, é fato que ambos podem ser vítimas de violência doméstica. Todavia, é esmagador o número de casos de mulheres sendo feridas e/ou mortas por seus cônjuges, e como se não bastasse é com frequência com que se observa a tentativa dos agressores de justificar a violência, parece que o modelo hegemônico de masculinidade dá esse respaldo para agir em nome da própria honra, enquanto a única verdade absoluta nesse contexto é que violência não se justifica.

A obtenção de privilégio do homem ao longo da história fez com que este associasse a virilidade à própria masculinidade, fazendo valer o uso da força na garantia do controle. Deste modo, a violência contra a mulher ainda que combatida atualmente, ainda é relativizada, pois, há casos em que a mulher, vítima de abuso ou agressão, é julgada culpada pelo ocorrido, por conta de seus trajes ou comportamento, como se o ato de violência masculina pudesse ser justificado em nome da moral.

Raewyn Connell (2016) lembra que a igualdade entre gêneros é um princípio legal desde 1948, reconhecido internacionalmente pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, no entanto, na prática ainda se vê a desigualdade em relação a poder político, bens econômicos, autoridade cultural e até mesmo em questões cotidianas.

Em *Gênero em termos reais* (2016), Connell verifica as masculinidades no papel de controle de acesso dos gêneros: “homens e meninos, são, de maneiras significativas, controladores de acesso da igualdade de gênero. Uma pergunta estratégica é: eles estão dispostos a abrir as portas?” (CONNELL, 2016, p. 91). Trata-se de um estudo aprofundado sobre as relações de gênero, a fim de apontar a complexidade do caminho para a conquista da igualdade: “o caminho para uma sociedade com igualdade de gênero envolve uma profunda

mudança institucional, além de uma mudança na vida cotidiana e na conduta pessoal, ou seja, esse caminho demanda apoio irrestrito da sociedade” (CONNELL, 2016, p. 90).

Importa que dentro das relações de gênero, compreenda-se que homens e mulheres são construídos socialmente, e o jogo dessas relações ao longo da história implica na construção da masculinidade hegemônica como referência para a desigualdade.

Implica entender que o conceito de masculinidade na compreensão dos significados masculinos, ou no que diz respeito ao homem, como afirma Kimmel (1998), refere-se ao termo no plural: masculinidades, para referir-se ao conjunto de significados da construção de identidade do homem contemporâneo:

Não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluídos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos. (KIMMEL, 1998, p. 106)

O reconhecimento plural das masculinidades possibilita que a sociedade perceba o homem para além do modelo hegemônico. É necessário que se olhe para fora da “caixinha”. Como as pesquisas nos mostram, “ser homem” não pode implicar ao indivíduo masculino agir conforme um padrão social impõe, mas sim, agir de acordo com suas escolhas pessoais.

2.2 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: O CENTRO DA QUESTÃO

R. W. Connell (2005), sendo uma das referências centrais dos estudos de masculinidades, afirma que há um modelo central que norteia o comportamento masculino, definido como masculinidade hegemônica, baseado na ideia de “valência diferencial” dos sexos: “a masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 241).

Este modelo hegemônico é constantemente associado à virilidade. A virilidade possui um papel fundamental no cotidiano masculino, pois serve de ferramenta para garantia da

dominação do sexo masculino sobre as categorias subalternas. A visão popular compreende a masculinidade hegemônica como ‘machismo’. A masculinidade hegemônica ou machismo tem vigorado no Brasil como uma vertente conservadora propagada por uma parcela da sociedade que não compreende o projeto de equidade de gênero proposto por estudiosos.

A virilidade, como termo recorrente nesta pesquisa, baseia-se na concepção de Jean-Jacques Courtine (2013): “fundada num ideal de força física, firmeza moral e potência sexual” (COURTINE, 2013, p. 8).

Em outros termos, de acordo com Fátima Cecchetto (2004): “a masculinidade hegemônica é definida como um modelo central, o que implica considerar outros estilos como inadequados ou inferior” (CECCHETTO, 2004, p. 63). Nessa perspectiva, a autora aponta como o modelo masculino é visualizado socialmente. Adotado como referência central, quaisquer outras manifestações masculinas que não correspondam ao modelo hegemônico são tidas como inadequadas ou menores, quando não são apenas ignoradas.

Jean-Jacques Courtine (2013), sob a perspectiva da antropologia histórica do corpo, explora a distinção entre: masculinidade e virilidade. O autor foca seu trabalho na virilidade, pois, segundo o antropólogo, culturalmente, transmite-se virilidade, não masculinidade.

O autor justifica o direcionamento para essa questão afirmando que, quando se pretende traçar o curso histórico de estruturas desigualitárias, de origem arcaica, mas que ainda se fazem presentes na atualidade, temos como objeto a virilidade. O que assegura a associação da virilidade à masculinidade é a transmissão de hábitos e comportamentos baseados em força física, poder, firmeza moral e potência sexual.

Mas a história da virilidade não se confunde, no entanto, com a história da masculinidade: “masculino” durante muito tempo foi somente um termo gramatical. Também no século XIX e no início do século XX não se exorta os homens a serem “masculinos”, mas “viris”, homens, se dizia, “verdadeiros”... Que o “masculino” tenha vindo a suplantar o “viril” é bem o sinal de que, decididamente, há algo que mudou no império do macho. (COURTINE, 2013, p. 9)

O pesquisador Fabrice Virgili (2013) trata da ordem viril e a possibilidade de violência ao longo da história e recorda que, no início do século XX, a desigualdade de gêneros imperava fortemente. Inclusive, na Europa, a sociedade francesa serve de exemplo nesse sentido. As mulheres não possuíam direitos políticos, nem sociais. A esse respeito, um dado

interessante é que, segundo o autor: “cabia aos homens preservar este desequilíbrio” (VIRGILI, *In*: COURTINE, 2013, p. 85).

A noção de masculinidade sempre esteve associada à virilidade, como forma de se expressar força e poder do indivíduo macho. Judith Butler (2005) foi uma das primeiras estudiosas a dissociar a virilidade do corpo masculino, tratando a virilidade como emblema, questão de desempenho.

A virilidade atrelada à masculinidade norteia a construção da condição masculina de macho, não de homem, como destaca Boris (2011) na abordagem da construção da subjetividade masculina. As formas de manifestação de domínio do homem sobre a mulher são diversas, as mais frequentes estão associadas à ideia de opressão e exploração. De modo geral, a prostituição ainda é um exemplo de como o corpo feminino ainda é explorado como produto. Nesse sentido se fundamenta à crítica do poder masculino, que no caso dos cafetões, estes se apropriam do corpo feminino, exercendo uma prática viril e criminosa: “a prostituição é um rendimento indispensável. Numa sociedade onde todo homem é um cafetão, onde todo cara é um cafetão, a perda de uma mulher constitui perda grave de ganhos” (KALIFA, 2013, p. 323).

Estudos feministas e de gênero, tal como das masculinidades precisam refletir de modo mais apurado o papel do homem dentro desse cenário, analisando como desconstruir ou ao menos abalar esse sistema enraizado de domínio e opressão que é a prostituição. Sobre o porquê isso ocorre, Kalifa (2013) afirma:

Dessas relações – prostituição - decorre notadamente a necessidade de “conter sua mulher”, isto é, de dominá-la, “corrigi-la”, “purgá-la” periodicamente. Um duplo sinal de virilidade é aqui perceptível, no uso da força, atributo essencial, como na demonstração da dominação masculina. (KALIFA, 2013, p. 313)

Kimmel (2015), pesquisador em Sociologia e Educação, ilustra isso de forma bastante didática dizendo que, em qualquer parque dos Estados Unidos, ao se deparar com um grupo de meninos brincando é possível fazer com que todos comecem uma briga entre si, apenas perguntando: “quem é a mulherzinha?”. Uns apontarão os outros simultaneamente, por fim, acabará que alguns poderão se enfrentar, enquanto outros voltarão para casa chorando desconsolados.

A ideia de ser visto como fraco, ou como “mulherzinha” - em sentido pejorativo - diante de outros meninos começa a se disseminar já nas primeiras relações interpessoais masculinas.

Connell, Pearse (2015) afirmam que “mesmo que os padrões de criação das crianças variem entre culturas, o quadro encontrado na Austrália não é incomum” (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 35). Embora mencionem diretamente a questão na Austrália, as pesquisas de Connell e Pearse apontam conflitos e situações comuns a um cotidiano ocidental: “meninos sofrem também pressão dos colegas para se mostrarem corajosos e implacáveis e temem ser taxados de “maricas” ou “*poofers*” (termo local usado no sentido de afeminado ou homossexual” (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 37). Não se trata apenas de brincadeiras ou fatos aleatórios, pois são parte de um padrão que não permite que os próprios homens se sintam confortáveis com sua masculinidade. Talvez por conta disso tenham de reafirmar a própria masculinidade frequentemente, como afirma Kimmel, e da mesma forma, rebaixar outras categorias.

2.3 MASCULINIDADES MARGINALIZADAS

*Ele bebeu, bebeu. Tipo vencedor, e depois riu, riu; como Bira do Jô.
Cumprimentô! Todo mundo à la vereador, e subiu o morro estilo viatura.
Ele nos deu, nos deu toda a fé de um pastor; depois sumiu, sumiu deixando só a dor.
Ignorou o aviso: “devagar com o andor”, e flertou por sobre a vida dura.*

(Emicida, Crisântemo, 2013).

As masculinidades marginalizadas dentro da compreensão adotada por Connell (2005) estão situadas numa relação de hegemonia, subordinação e cumplicidade. “Marginalizado”, de acordo com Ferreira (2001) é aquele que é colocado à margem da sociedade. Nos Estados Unidos, as masculinidades marginalizadas estão mais ligadas à questão de raça e cor; no contexto brasileiro, devido à cultura híbrida não é possível situar a marginalidade somente dentro das relações de raça, pois aqui a marginalização dos indivíduos é no âmbito social. A questão racial continua sendo excludente no Brasil, tanto que o preconceito racial ainda faz

parte da realidade brasileira, mas, devido à desigualdade social a marginalização dos indivíduos começa no aspecto social.

Quando Connell formulou a definição das masculinidades marginalizadas, tinha como enfoque as relações de hegemonia e subordinação diante dos privilégios da sociedade branca: “Though the term is not ideal. I cannot improve on 'marginalization' to refer to the relations between the masculinities in dominant and subordinated classes or ethnic groups. Marginalization is always relative to the authorization of the hegemonic” (CONNELL, 2005, p.76). Embora o termo tome outras formas no contexto brasileiro, a pesquisadora amplia a compreensão de tal noção, priorizando as relações de masculinidades entre classes dominantes e grupos subordinados, sem excluir os grupos étnicos que sofrem com a marginalização por raça ou cor. Na prática a marginalização dos indivíduos se define por quem manda e quem obedece, e/ou silencia.

O enfoque nas masculinidades marginalizadas neste trabalho serve para compreendermos as relações interpessoais masculinas na obra de João Antônio, pois o que se vê são indivíduos pobres, que têm origem em segmentos marginalizados da sociedade. Portadores de uma noção de masculinidade baseada na aplicação da força e no uso da violência, tendo de suportar condições deploráveis e enfrentar situações em que se exige o uso da força para sobreviver.

Connell & Pearse (2015) compreendem que as dinâmicas de gênero operam em contextos em que as ações não são definidas como questões de gênero, no entanto: “passam a existir em circunstâncias históricas particulares, moldam a vida das pessoas de maneira profunda e frequentemente contraditória” (CONNELL & PEARSE, 2015, p. 84). Sendo assim, uma série de estereótipos masculinos é propagada, de modo que se cria até mesmo nas masculinidades marginalizadas uma noção de masculinidade ideal que se mostra inadequada e contraditória. Deste modo, vê-se que as questões de gênero não são definidas somente por categorias fixadas, mas também nas relações e nas práticas desenvolvidas em processos sociais

As dinâmicas de gênero operam em muitas esferas que não são tipicamente rotuladas como questões de gênero, como ambientalismo ou a guerra. Ao falarmos sobre gênero, não estamos falando apenas das simples diferenças ou categorias fixadas. Estamos falando de relações, fronteiras, práticas, identidades e imagens ativamente criadas em processos sociais. Elas passam a existir em circunstâncias históricas particulares, moldam a vida das pessoas

de maneira profunda e frequentemente contraditória (CONNELL & PEARSE, 2015, p. 84).

Nesse sentido, as relações de gênero em condições marginalizadas precisam ser definidas para uma construção de sentido adequado. Em busca desse efeito destaca-se a fala de Connell: “padrões de gênero podem ser radicalmente diferentes entre contextos distintos, e há certamente muita variedade entre as maneiras de pensá-los” (CONNELL & PEARSE, 2015, p. 49).

A ordem de gênero, dentro das relações sociais masculinas se define em hegemonia, subordinação e cumplicidade, como destaca Connell (2005). Hegemonia porque o que prevalece é a noção de masculinidade hegemônica dentro das relações de gênero e na prática social; subordinação porque o que impera nas relações de gênero ainda são relações de poder, consequentemente, de opressão X subordinação e por último de cumplicidade, este, um fator responsável por amenizar ou abafar a culpa do homem em diversas ações, nesse sentido é onde habita a hipocrisia. Connell conta que nos Estados Unidos, os jogadores negros, estrelas do esporte, são idolatrados nas quadras de basquete e vistos como exemplos de luta e resistência masculina, enquanto na prática social ainda poderiam ser vítimas de preconceito.

No Brasil essas relações se estabelecem de acordo com a ordem social: indivíduos pobres são vítimas da exclusão social, logo, não se encaixam na perspectiva de masculinidade hegemônica, como poderemos verificar nas análises, o que não impede os homens de agir como opressores. O homem marginalizado é aquele que não consegue impor sua masculinidade nas relações sociais, pois está sempre subordinado a outro homem detentor de poder e privilégios sociais que o marginalizado não possui. Cabe a esse indivíduo buscar outros meios, o que acaba que quase sempre o homem faz uso da força e da violência para estender suas relações de poder.

A opressão é a arma mais poderosa do homem marginalizado, no entanto, ele também é vítima dessa noção de masculinidade hegemônica, pois aprende desde a infância a se manifestar por meio da virilidade, tendo de ser sempre valente, sem sequer poder demonstrar fraqueza, o que, segundo Boris (2002), inibe o homem de experimentar sentimentos e sensações importantes para sua formação.

Ainda é comum ouvirmos que “homem que é homem não chora” e que não expressa medo. Entretanto, “o sentimento mais estimulante é o medo: é

impossível o pouco que seríamos se não tivéssemos medo. É peculiar ao homem a tendência de sempre se expor ao medo. (BORIS, 2002, p. 35).

O homem, seja ele marginalizado ou não, aprende a reprimir seus sentimentos e jamais demonstrar medo, embora esteja sendo sempre condicionado a se expor em situações de medo e risco.

As masculinidades marginalizadas da obra de João Antônio serão simulacros que nos levam a reparar e refletir sobre os sentimentos que são reprimidos pelos homens no cotidiano. A disfunção com o modelo de masculinidade hegemônica em si gera uma série de conflitos internos que vão além da problemática social a que estão condicionados. Conflitos que dialogam com a necessidade de se repensar as práticas masculinas e a propagação de estereótipos viris.

3. O LIXO DA VIDA E A POÉTICA DA VIRILIDADE

Se fortalece num punhado de desgraçados mal-amados que só querem matar a fome. E agora? Quem é mais ou menos homem? Irmãos na pior situação.

(Criolo, "Lion Man", 2011.)

3.1 Os mal-amados: "Joãozinho da Babilônia"

Joãozinho da Babilônia foi publicado em 1975, na obra "Leão de Chácara". O conto está inserido na primeira parte da obra: "Três contos do Rio", ao lado dos títulos: "Leão de Chácara" e "Três Cunhadas – Natal 1960". Como a subdivisão sugere, trata-se de três narrativas que se passam no Rio de Janeiro, diferente da última parte intitulada "Um conto da boca do lixo": que contém o conto "Paulinho Perna Torta", a narrativa descreve minuciosamente os olhares do personagem homônimo sobre o subúrbio de São Paulo, tal como Joãozinho da Babilônia o faz na condição de narrador-personagem, mapeando a capital carioca.

A narrativa conta a história de Joãozinho da Babilônia, leão de chácara (agente de segurança de boates do subúrbio, dos “inferninhos” como João Antônio se referia). Malandro vivido que se apaixona perdidamente por Guiomar, jovem prostituta mantida por José Batista Pamplona, o “Batistão”. Por conta dessa paixão, Joãozinho se envolve nesse triângulo amoroso conflituoso, que inclusive, resulta na morte de Guiomar e marca os lamentos e divagações do protagonista.

A profundidade dos monólogos interiores e a sensibilidade de Joãozinho da Babilônia apontam um ponto específico nos estudos das masculinidades: a possibilidade de o homem ser sentimental, sem que isso interfira na sua própria noção de masculinidade.

Tânia Macedo (2002) define Joãozinho da Babilônia como o “malandro que errou”, referindo-se ao personagem como o malandro que cometeu o erro de se apaixonar. A narrativa é repleta de trechos com sentimentos profundos sendo expostos, contribuindo para a presença de um personagem/narrador com densidade psicológica significativa, um homem em contato com suas emoções.

A referência ao personagem Joãozinho da Babilônia como “o malandro que errou” prevalece no olhar da crítica, tanto que a pesquisadora Maria Eneida Rosa (2008) reitera a classificação de Tânia Macedo:

Há que se chamar atenção para o fato de que nesse conto, há, na maioria, das ações, a inexistência do malandro, aspecto muitas vezes reiterado pelo narrador-personagem, “malandro nenhum, nem de passagem” (p.41). Nesse texto, portanto, torna-se secundário, apenas aparece como coadjuvante. O leão-de-chácara, outrora, malandro, daí a alcunha Joãozinho da Babilônia, por causa das picardias quando morava no morro, deixa-se seduzir pela mulata e sofre com a sua morte: Encho as bochechas, sopro o bolo, peito diminuindo” (p. 56). Joãozinho é, na verdade, o malandro que errou. (ROSA, 2008, p. 154)

O conto aqui analisado aborda questões relevantes para a discussão acadêmica acerca das masculinidades, pois trata de pontos como a afetividade masculina, a sensibilidade e a tentativa de anulação dos sentimentos no cotidiano masculino, além de nos permitir visualizar a condição do indivíduo marginalizado em disfunção com o modelo de masculinidade hegemônica.

3.1.1 O nó na garganta: dos sentimentos que não são geridos a fim de se preservar a Masculinidade

*"Acho que sem amor, sexo não é nada.
As coisas só podem representar alguma coisa
quando existe algum sentimento entre os participantes"*

(Charles Bukowski)

“Joãozinho da Babilônia” conta em primeira pessoa a trajetória do personagem homônimo, do fim para o começo, permitindo ao leitor o contato imediato com a introspecção do malandro.

O contato com o sentimento amoroso apresenta um indivíduo diferente da maioria dos personagens de João Antônio. Joãozinho da Babilônia possui uma consciência dolorosamente humana e solitária, exposta nas divagações do personagem ao sentir-se desamparado e confuso diante do “erro” de se apaixonar.

Tânia Macedo, a respeito do personagem, afirma: “Joãozinho da Babilônia, no conto homônimo, apresenta-se desconcertado, sem tino nem direção, por ter cometido o “erro” de se ligar afetivamente a Guiomar” (MACEDO, *In*: ANTÔNIO, 2002, P. 13). É possível que a condição de apaixonado estimule a sensibilidade do personagem, deste modo, permitindo-lhe a manifestação de suas angústias e introspecções em diversas passagens do texto.

Joãozinho da Babilônia, Paulo Melado, Perus, entre outros, são alguns dos personagens da obra de João Antônio que seguem firmes na tentativa de reprimir contatos com a própria subjetividade. São homens e mulheres (Maria de Jesus de Souza ou Mariazinha Tiro a Esmo, por exemplo) em busca da sobrevivência, sem tempo para o choro.

O choro está associado à fraqueza, por isso, marginalizados anulam seus contatos com experiências interiores. Como destaca Antonio Candido (2002): “podemos distinguir, por exemplo, a ausência completa de sentimentalismo, quer se trate de amor, da rotina dos quartéis, da miudeza de cada dia, da malandragem” (CANDIDO, 2002, 578). Em contrapartida, Joãozinho da Babilônia sofre, desaba e exterioriza suas aflições, surpreendendo tamanha a intensidade da subjetividade expressa.

Jornal que compro não abro, vai debaixo do sovaco. Lerdo, pesado até a pedra do Leme quietamente. À frente não há luzes, mas o mar escuro; passo

o calçadão, as areias e me sento nas beiradas. Mando ao diabo uma lembrança. Mas sinto um medo. Um vento frio batendo na cara e me vem um samba, dos antigos, besteirada, engrupimento, gemido lá no inferninho: “vem, amor, que é fria a madrugada/ e eu já não sou mais nada sem seu calor”. (ANTÔNIO, 2002, p. 67)

O narrador descreve seu trajeto em passos lentos, em tom melancólico. Observa atentamente os detalhes sombrios da paisagem, deixa aparecer sua angústia, há algo de belo e triste no lirismo da descrição do narrador. “Mando ao diabo uma lembrança” - Joãozinho da Babilônia investe contra os próprios sentimentos, na tentativa de afastar as lembranças de Guiomar, que agora o assombram, é assim que revela o medo. Diante de tudo o que passou, o medo se tornou constante, afinal, da sua entrega pessoal ao sentimento amoroso tudo o que restou foram as lembranças de Guiomar, memórias boas e ruins, mas a lembrança da morte da amada é intermitente e embala sua tristeza no samba que ouve de longe. O samba mencionado pelo narrador é uma composição de Nazareno de Brito e Presyla de Barros, intitulado “Abandono”, que propositalmente dialoga com a situação do personagem.

A noção de masculinidade hegemônica - discutida no segundo capítulo desta dissertação - não prevê demonstrações de afeto ou/ de fraqueza, deste modo, o homem não chora, ou melhor, não se permite, pois aprende desde menino a anular suas experiências interiores e/ou afetivas. Nesse sentido, o pesquisador Sócrates Nolasco (1997) aponta como a construção social do homem não estimula vínculos afetivos ou até mesmo contatos íntimos.

Qualquer homem traz consigo um projeto de vida, por menor que seja, mas nem sempre carrega consigo a liberdade para reformulá-lo e diferenciá-lo das características prescritas em seu papel social: ser viril e conquistador, ter sucesso, poder e prestígio social. Quando está sendo socializado, um menino aprende que não deve incluir como parte de seu crescimento o desenvolvimento de recursos para a construção de vínculos afetivos duradouros, capazes de suportar a transparência necessária a uma relação de intimidade. (NOLASCO, 1997, p. 18)

Embora o personagem seja um homem maduro, já crescido, e o trecho destacado se refira ao processo de amadurecimento de um menino, serve para reflexão de um papel masculino já consolidado.

O desconforto de Joãozinho da Babilônia dialoga com a angústia de outros personagens da obra de João Antônio, personagens como Perus, por exemplo, como é lembrado por Martin (2008). São personagens que sofrem de uma profunda insatisfação com

relação ao lugar social que ocupam o que se torna uma angústia constante por conta das limitações inerentes de suas condições sociais. Como destaca o trabalho da pesquisadora Vima Lia Martin (2008): “são personagens masculinas que, ao sofrerem a experiência do deslocamento psíquico e ou social, acabam por ser porta-vozes da angústia daqueles que não incorporam a ideologia burguesa, pautada em valores como trabalho e família” (MARTIN, 2008, p. 73). O que distingue Joãozinho de seus pares é que nos deparamos com um homem maduro, boêmio afirmado, que desaba, transformando sua dor mais sincera em pranto. Em meio a tantas expressões de virilidade, tal singularidade aproxima Joãozinho da Babilônia do modelo que Nolasco (1997) define como a ‘nova masculinidade’. Eis a revolução: as lágrimas de um homem. A dor humaniza o personagem, a passagem nos mostra que um homem não chora porque é fraco, mas porque é humano, e também sente.

Diante do mar, sozinho na beira da praia, Joãozinho se permite o pranto. Todavia, há de se observar que, mesmo em contato com suas emoções, o personagem procura se esconder para que possa chorar: “num minuto, a cabeça nas mãos, devo ter chorado. E se Guiomar me visse assim, agachado, encolhido nas areias, me acharia desengonçado e menor do que sou. Não iria acreditar, são quatro horas e não bebi uma gota” (ANTÔNIO, 2002, p. 67). Preocupado com o julgamento de outros homens, afasta-se. Sentado na areia da praia, em plena madrugada admite o choro e questiona a própria fraqueza.

Considerando o padrão de masculinidade pertencente às sociedades patriarcais e as novas demandas, temos que essa ‘nova masculinidade’ solicita que o homem seja sensível, mas sem que isso comprometa sua virilidade; do mesmo modo, ele deverá ter iniciativa na vida, sem que, com isso, seja agressivo, violento ou competitivo. (NOLASCO, 1997, p. 21)

A imagem do malandro desconsolado, reproduzida numa descrição lírica e singela, traz à tona a reavaliação de sua própria vida, seguida da constatação da solidão: “se chorei, se não chorei, ninguém viu. As costas das mãos, enormes, vão limpar a cara. E a madrugada geral vai continuar” (ANTÔNIO, 2002, p. 67). Mais vale a solidão ao julgamento? Eis um problema que a masculinidade hegemônica impõe ao homem: Joãozinho não é exceção, age como boa parte dos homens prefere se esconder e lidar sozinho com seus problemas, a chorar diante de outros homens e ter sua masculinidade questionada por isso.

Rosenfeld (1972) acredita na plenitude de enriquecimento e libertação por meio do texto literário. O conto de João Antônio pode ser uma ferramenta nesse sentido, é importante

que o leitor esteja atento aos detalhes do texto, e repare que se trata de uma passagem tão rica, pois, segundo o crítico, o enriquecimento e libertação proporcionados pelo texto literário só se torna acessível ao leitor que se atém à apreciação estética: “somente quando o apreciador se entrega com certa inocência a todas as virtualidades da grande obra de arte, esta por sua vez lhe entregará toda a riqueza encerrada no seu contexto” (ROSENFELD, 1972, p. 49).

A linguagem estilizada do texto apresenta um trecho extremamente profundo: “se me visse assim (...) me acharia desengonçado e menor do que sou”. Tal excerto expressa o medo do homem de se expor, de se ver menor do que realmente é, e de sucumbir à fraqueza. O que faz parte da lista de coisas que são negadas ao homem dentro das relações masculinas.

A constatação da solidão é ainda mais árdua, pois embora o narrador tanto se importe e se incomode com os olhares externos, este se conforma com o fato de na realidade ninguém se importar de verdade com ele, “as mãos das costas enormes, vão limpar a cara. E a madrugada geral vai continuar”, ou seja, ninguém vai parar para se solidarizar, ciente de que não param para ajudar, mas para julgar, provavelmente.

São trechos que merecem destaque pelo emprego da linguagem, misturando expressões coloquiais e líricas: “coisas de que gostava, me irritam; jogo e bebida me cansam, acho que ando só. E bem. Curto isso por dentro, me tranco. E me pesa numa pancada só, numa porrada só” (ANTÔNIO, 2002, p. 68). O lirismo dessas passagens mostra a sensibilidade do personagem, sensibilidade esta, que muitas vezes, aponta-se como indício de uma crise masculina por parte do homem contemporâneo, o que Nolasco explica:

A crise masculina se define diante dessa transição e pode ser compreendida como uma tentativa, uma possibilidade para os homens diferenciarem-se do padrão de masculinidade socialmente estabelecido para eles. Essa crise representa a quebra do cinismo a respeito da existência de um homem de verdade em torno do qual todo menino é socializado. (NOLASCO, 1997, p. 16, 17)

A solidão passa a se atrelar à rejeição ao sentimento amoroso; no entanto, a memória afetiva de Guiomar diante da imagem da praia carioca constrói um dos trechos mais líricos do conto, permitindo ao leitor o contato com as emoções descritas pelo narrador.

O narrador estabelece uma comparação entre a força do mar e a singularidade dos traços de Guiomar que constitui um dos momentos mais singelos e poéticos da obra de João

Antônio, obtendo destaque nesta análise por conta da exteriorização dos sentimentos do personagem.

A fluidez da construção lexical mostra imagens poéticas, mesmo com o uso de gírias e expressões informais, pois é como a narrativa dá conta de preservar a identidade do personagem, rendendo assim uma passagem bastante profunda e sentimental, algo que só se concretiza em momento de isolamento do personagem.

A linguagem utilizada por João Antônio preserva a essência do personagem, tal como o faz João Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* (1994) ao desenvolver o lirismo a partir de uma linguagem regionalista, conservando a perspectiva do sertanejo.

Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei – na hora. Melhor alembro. Eu estava sozinho, num repartimento dum rancho, rancho velho de tropeiro, eu estava deitado numa esteira de taquara. Ao perto de mim, minhas armas. Com aquelas, reluzentes nos canos, de cuidadas tão bem, eu mandava a morte em outros, com a distância de tantas braças. Como é que dum mesmo jeito se podia mandar o amor? (...) O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? (ROSA, 1994, p. 408)

Ainda que articule a linguagem de um modo diferente do trabalho realizado por Guimarães Rosa, João Antônio por meio de uma prosa urbana consegue adequar a linguagem à essência do indivíduo. As divagações de Joãozinho da Babilônia trazem passagens poéticas ligadas à linguagem do malandro, com uso de palavras de baixo calão inclusive, adequado à realidade e ao meio em que transita o leão-de-chácara.

Tinha mais mistério lá, na parte de cima da sua cara, do que nesta merda de mar grande que eu vejo ainda agora. Tinha mais segredo e provocação lá no canto da sua boca do que no quebrar das ondas. Tinha mais perfume ali, na risca do seu cabelo; tinha mais cheiro, chamado e violência ali, quando ela beliscava no canto da boca o dedo mínimo, do que quando o mar tenta gritar, de encontro às pedras no preto-escuro das madrugadas que curto, eu e só. Tinha mais de tudo ali, dentro dela, com sua mão pequena, com seu sapato sofrido, com a bolsa que só poderia ser sua, com seu agasalho marrom surrado, suas ilusões, manhas, preguiças, gatices, com os olhos sonsos que iam e vinham, riam e espetavam, mais do que em todo o barulho que o mar tem. E não tem. (ANTÔNIO, 2002, p. 69)

O uso de expressões coloquiais (“cara”, “gatices”), ou de baixo calão (“merda”) ilustra o tom informal empregado pelo narrador, uma estilística elaborada e malandra. Ainda que o monólogo interior do personagem seja entoado de forma sensível, constata-se uma realidade cruel: a dor da perda, a desordem sentimental sobre não saber como lidar com a situação e a disfunção do sentimento amoroso e a constatação da morte da mulher amada, sem esperanças, apenas a retratação de sentimentos profundos e sinceros.

A repetição do verbo ‘ter’ no pretérito imperfeito (“tinha”) apresenta um percurso gerativo de sentido. O primeiro momento “tinha mais mistério lá” (ANTÔNIO, 2002, p. 69) inaugura uma fala em tom nostálgico, já tratando da ausência de Guiomar que se desenvolve na comparação com a imensidão de águas salgadas.

Os trechos que se seguem alteram a conjugação do verbo ter, utilizado na terceira pessoa do presente do subjuntivo “tenha”: “E o mar não parece tenha mais segredo que o seu recado” (ANTÔNIO, 2002, p. 69), e por último, na forma do presente do indicativo “tem”: “O mar não tem, está longe disso. Ela toma conta das pedras, do mar e de mim” (ANTÔNIO, p. 69), apontando a formulação de uma consciência plena: o mar possui beleza singular, tal como Guiomar na perspectiva do narrador, no entanto, o que Joãozinho da Babilônia sente por ela se sobrepõe à imagem da vista do mar: “(...) com os olhos sonsos que iam e vinham, riam e espetavam, mais do que em todo o barulho que o mar tem e não tem” (ANTÔNIO, 2002, p. 69). São sentidos que se constroem ao longo das divagações: a contemplação do mar e a lembrança do rosto de Guiomar; a comparação dos pequenos gestos e expressões da garota com o movimento das águas; até a constatação da solidão e a dor da ausência.

Antônio Cândido (2012), a respeito do conjunto dos contos de João Antônio, afirma que uma das principais características da obra deste escritor é a ausência completa de sentimentalismo. No entanto, trata-se de uma afirmação que não cabe ao conto “Joãozinho da Babilônia”, mas sim, de um modo geral: “essa característica é devida a uma espécie de neutralidade estratégica, que dá destaque ao real, sobretudo porque os contos são escritos numa prosa dura, reduzida às frases mínimas, rejeitando qualquer “elegância” e, por isso mesmo, adequada para representar a força da vida” (ANTÔNIO, 2012, p. 578). Nesse caso, tão adequado para apontar um indivíduo marginalizado em disfunção com o modelo de masculinidade hegemônica.

Após as divagações do narrador/personagem, o enredo se desenvolve e Joãozinho se vê diante do amanhecer de Copacabana, dando início à sua caminhada. A sequência do texto traz um personagem recobrando a lucidez, encarando a nova realidade à sua volta.

Visualmente abatido, logo que se depara com homens aleatórios, torna-se alvo de comentários significativos, como destaca o narrador: “Os camaradinhos observam. Dia desses, um dos músicos da casa me largou a liberdade: - Ô, cara, que encabulação! Isso é mulher” (ANTÔNIO, 2002, p. 70).

Segundo o *Vocabulário das Ruas* (2012), - levantamento feito pelo próprio escritor, de palavras e expressões utilizadas nos subúrbios dos grandes centros urbanos – “encabulação”: “diz-se, na sinuca, do golpe psicológico que consiste em irritar o adversário por descatos e guerra de nervos” (ANTÔNIO, 2012).

O sentido empregado para “encabulação” nesse caso, não se limita à sinuca, tanto que o músico acrescenta: “Mulher é como folhinha da parede. Você puxa um dia, vem outro atrás” (ANTÔNIO, 2002, p. 70). Trata-se de uma passagem breve, porém, representativa, mostrando o rebaixamento da condição feminina: a mulher como se fosse ‘algo’ descartável, pois há sempre uma, após a outra. Assim, restringindo as relações entre homens e mulheres à condição de efêmeras e relativizadas.

A resposta pronta do músico culpa logo de imediato uma mulher como razão para a irritação/tristeza do personagem. O discurso pronto e o comportamento do mesmo retratam um dado interessante: as relações sociais masculinas com outros homens. Do momento em que Joãozinho surge desanimado entre os presentes no bar há certa dose de solidariedade da parte do músico, contribuindo com um “conselho”, dizendo que não há com o que se preocupar, afinal, “mulher é como folhinha de parede”, ou seja, na visão do músico, assim como um dia após o outro, há sempre uma após a outra. O músico não aceita a encabulação do leão-de-chácara, e age sem dar aval à tristeza do colega, sem sequer parar para ouvi-lo.

A socialização masculina é um dos pontos explorados por Sócrates Nolasco (1993). No conto, o músico não demonstra um gesto de compreensão, ou sequer, manifesta uma palavra de consolo, o que serve como dado para ilustrar as relações masculinas. As relações sociais entre homens, em sua maioria, estão restritas a assuntos objetivos, sem abertura para questões afetivas ou emocionais, pois, como afirma o pesquisador, são “relações *a priori*”, ou seja, onde um ataca, e o outro, defende.

Geralmente, o homem teme que ao expor seus sentimentos possa estar vulnerável a comentários e impressões de outros homens, que, julgariam seu estado de vulnerabilidade como condição de fraqueza; deste modo, rebaixando a sua masculinidade.

Os padrões tradicionais definidos pelo modelo patriarcal para o comportamento masculino dissimulam as possibilidades do encontro nas relações sociais, pois definem que em uma relação a priori, alguém ataca e alguém defende, alguém ganha e alguém perde. Esta concepção de relação impossibilita o estabelecimento de qualquer tipo de contato fora das fronteiras demarcadas pela moral patriarcal, que em última instância faz crer aos homens que estão continuamente expostos ao ataque. Assim, desde pequenos os homens aprendem esta regra, transformando-a posteriormente em uma crença de que as atitudes combativas e agressivas incorporadas pelos homens são atributos biológicos. (NOLASCO, 1993, p. 43)

Após o comentário, o narrador se dedica a dar detalhes do cotidiano de Batistão. O olhar atento do narrador descreve os hábitos grotescos do personagem, inclusive o olhar masculino estereotipado: “piadista e gaiteiro, bulindo com as mulheres, jogando galanteios à antiga para as meninhas comerciárias da Gonçalves Dias. Ali arrasta a tarde, se insinuando para as mulheres da rua ou financiando algum lanche caro no interior da padaria” (ANTÔNIO, 2002, p. 71). Contudo, o olhar apurado do narrador recai sobre as relações de poder de Batistão e o cotidiano boêmio dos malandros veteranos.

Batista Pamplona representa o estereótipo do velho boêmio rico, um típico homem de idade mais avançada. Apresenta uma postura machista, age de forma violenta e impiedosa; possui hábitos grotescos, gosta de ser notado e de chamar a atenção, ostentando dinheiro e comprando a simpatia de todos ao seu redor:

Da porta do carro, dá espetáculo, cumprimenta conhecidos e gente que nunca viu para chamar a atenção. Desce e, absoluto, pisa o meio-fio. E depois, ao que der e vier. Copa, Fátima, Leblon, Estácio, Praça Mauá, onde houver uma boca aberta, lá está Batista Pamplona. Entorna até o sol raiar, vai dormir mijado num hoteleco com alguma piranha. Mesmo deixando Guiomar no apartamento do Flamengo. (ANTÔNIO, 2002, p. 74)

Quando Joãozinho fala de Batistão é interessante a mudança de perspectiva que se desenvolve: um homem que em outro momento poderia ser facilmente visto como opressor, está fragilizado. Consciente, consegue perceber em outra perspectiva a atitude egoísta de Batistão ao trancar a jovem no apartamento, como se fosse objeto de sua propriedade.

Guiomar fica em casa, enquanto Batistão desfruta da boemia. Ao descrever esse detalhe fica nítido o inconformismo de Joãozinho e é a partir deste momento que o narrador se põe a falar diretamente de Guiomar. Novamente a descrição traz passagens líricas: “Se muito me chega à altura dos ombros, pequetinha. Mas tem um caído de cabeça cheio de vida” (ANTÔNIO, 2002, p. 74). A melancolia dá lugar aos afetos, o sentimento terno toma conta do narrador a partir deste momento. A maioria dos trechos onde são feitas menções à Guiomar geralmente são passagens líricas em que se pode apurar a sensibilidade do narrador, como se percebe no excerto em questão e em outros momentos da narrativa.

Antes de descrever o primeiro encontro com Guiomar, Joãozinho trata de suas próprias perambulações pela madrugada. Verifica-se o narrar de um homem se gabando por transar com prostitutas na rua, ressaltando sua masculinidade por meio do sexo: “topo uma dessas bandidetes de rua, que faz a vida nos hotelecos e nos escuros da Mem de Sá. Muita vez, até contra as árvores e contra os carros” (ANTÔNIO, 2002, p. 75). Em seguida, o narrador humaniza a prostituição: “Porque a fome é mais brava nas ruas para a gente da noite. Ali batalhando como as outras, chamando homem e botando pra dentro” (ANTÔNIO, 2002, p. 75). A condição de marginalizado lhe permite compreender que em alguns casos a prostituição é apenas forma de garantir a sobrevivência, podendo ser a única opção de sobrevivência a algumas mulheres.

Observador, o malandro tenta se sobressair como atento e esperto, não tem problema em afirmar que age de modo inescrupuloso muitas vezes. Seria esse o retrato de Joãozinho antes de ser acometido pelo sentimento amoroso e de perda que conseqüentemente geram um narrador sensível e humano. Eis o seu erro, dialogando com as considerações da pesquisadora Tânia Macedo: “na verdade, o seu “erro” é o que o resgata, o humaniza e lhe dá densidade” (MACEDO, 2002, p. 11).

A sensibilidade do sentimento amoroso permite que Joãozinho direcione um olhar humano a Guiomar desde o primeiro encontro: “Mas tem um quê. Os mocosongós só lhe viam o resto” (ANTÔNIO, 2002, p. 75). Apaixonado, Joãozinho destaca o fato de reparar algo de especial nela, e ainda se revolta com a incapacidade dos outros homens de perceberem, vendo-a apenas como objeto sexual.

É interessante observar que a narrativa não segue uma linearidade: há sempre a presença de *flashes* que antecipam a compreensão do futuro trágico de Guiomar, assim como alguns dos feitos de Joãozinho como malandro.

3.1.2 O desconforto dos mal-amados: Masculinidades em disfunção

*"Há de ser sempre um trabalho garimpeiro o de descobrir
porque um homem acaba só"
(João Antônio).*

A masculinidade marginalizada, expressa por meio dos personagens de João Antônio, é vista constantemente em disfunção com o modelo de masculinidade hegemônica. Tal disfunção diz respeito ao mau funcionamento e aos prejuízos que o modelo de masculinidade hegemônica traz aos homens de modo geral.

Na narrativa analisada, essa disfunção se apresenta sutilmente ao longo do texto, mas se acentua na separação forçada de Joãozinho e Guiomar. Tanto que o subtítulo “mal-amados” se refere à condição de Joãozinho: um homem maduro que pretende se juntar à mulher amada, mas que não o consegue por conta da intervenção de outro homem mais poderoso. A opressão e a violência são instrumentos de validação da masculinidade hegemônica sobre outra categoria masculina inferior.

Deste modo, observam-se no conto alguns momentos que mostram como o personagem vislumbra a noção de masculinidade hegemônica e de como a impossibilidade de alcançar tal modelo gera desconforto e tensão em Joãozinho da Babilônia.

A construção do masculino é sempre a “*via difficilior*”, pois é cheia de percalços, de deveres e exigências que, mais do que engrandecer sua pretensa fortaleza, apenas evidenciam sua fragilidade, comprovada em estudos biológicos, psicológicos, sócio-culturais e históricos. Além disto, o masculino é sempre construído negativamente: não pode ser uma mulher, uma criança ou homossexual, tendo que comprovar constantemente sua condição de homem, de adulto e de heterossexual. (BORIS, 2011, p. 61)

A masculinidade marginalizada é desde sempre um modelo em disfunção com o modelo hegemônico, pois a condição de pobreza e a tentativa de garantir a própria sobrevivência a afastam da noção de poder e/ou privilégio. A masculinidade hegemônica propaga o exercício de uma série de negações na formação do indivíduo, como Boris (2011) menciona, primeiro o ato de negar: “não ser mulher”, “não ser homossexual”, “não ser frágil”, etc; para depois se reafirmar como homem, como forte, viril, violento, poderoso, e assim por diante.

Percebe-se o olhar do narrador atento às manifestações de poder de Batistão, algo que se intensifica. Batistão é o representante do modelo ideal de masculinidade hegemônica na perspectiva de Joãozinho: dono de imóveis em Teresópolis e de várias outras fontes de renda, possui poder e prestígio social:

Grandalhudo, balofo, um desengonçado. O velhão Batista, de dentadura postiça, papadas e cabelos tingidos de caju, era uma peça. Tinha a mania de bravo, charuto no bico e uma máuser que não tirava do cinto nem para ir ao banheiro – coisa dos graúdos lá do Estado do Rio. Um molóide saído a mandão. Aquilo numa briga, não prestava nem pra correr ou recolher as cadeiras quebradas. Divertido, palhaço quando bebia, vermelho no pescoço enrugado onde a mulatinha se pendurava, com fingimento. O mulherio aproveitava, se servia, depenava o veterano. Manjei aquilo de cabeça no chão. Batistão era um endinheirado das salinas do Estado do Rio, em São Pedro D’Aldeia. Um forte da grana, esbaçador, havia sido homem da lei. Na mocidade; agora, vereador e outras palas. Desses importantes, manda-tudo que viaja pra Brasília e resolve Soberbo da vida, coronelão em cima da carne-seca, virava um neném na mão do carro novo Guiomar (...) Apaixonadão, da gama preta, puxando um bonde por Guiomar. Vestindo, calçando, comprando duanas e presenteando com joias, dando um banho de loja na mina. Saquei. Mas bico calado, vi com os olhos e lambi com a testa. (ANTÔNIO, 2002, p. 77)

Embora o narrador dê destaque ao retrato ridicularizado de Batistão (“balofo”, “desengonçado”), é preciso ressaltar que tal descrição coexiste com a realidade do personagem, é ele quem desfruta do poder, da estabilidade financeira e do prestígio. A expectativa do narrador é de que a figura ridicularizada prevaleça sobre sua condição, entretanto, nessa disputa quem vence é o poder absoluto de Batistão.

Analisando os trechos em destaque o leitor poderá perceber a masculinidade hegemônica como um modelo inacessível para o narrador, ao qual se põe a observar seu rival como representante de um modelo masculino distante de si: “O homem era Batista Pamplona,

o Batista falado no Estado do Rio. Batistão, como gostava de ser tratado pelas mulheres” (ANTÔNIO, 2002, p. 76), um modelo masculino baseado na imagem de poder e potência sexual:

O modelo [viril], de fato, se fundou como natureza no corpo, baseado numa imagem de força física e de potência sexual, por um lado; num ideal de autodomínio e de coragem, por outro lado. Isto significa dizer que ele sempre foi acompanhado, como sendo a sua face oculta, pelo temor da vulnerabilidade corporal, pela apreensão diante do enfraquecimento sexual, pela sombra da falência moral. (COURTINE, 2013, p. 11)

Joãozinho da Babilônia é marcado por sua origem social, o trabalho como leão de chácara na boate noturna já sugere que não se trata de um homem de posses, sua masculinidade traz consigo a condição social como uma marca que impõe a ele o papel de subalterno diante de outros homens, e por mais inconformado que fique isso não mudará. Quando o narrador se põe a descrever o rival, antes, inutilmente abre espaço para exaltar a própria masculinidade: “de outubro pra cá, por umas transas marotas nas corridas, passei a dormir pouco em Madureira (...) Acompanhei, maneirei no porre da esbórnica, não me esqueci de cumprimentá-lo pelo bom gosto e pela beleza de seu par constante” (ANTÔNIO, 2002, p. 76). A reafirmação da própria masculinidade nesse caso, por meio da boemia, da potência sexual e da própria esperteza, são detalhes relevantes para ele, pois o tornam mais ‘macho’, ainda que tenha a plena consciência de que jamais será poderoso como Batistão.

A postura de bravo, o revólver na cintura e o poder aquisitivo são atributos do velho Batista. Essas características são também elementos que remetem ao modelo da masculinidade hegemônica. No entanto, Joãozinho, ainda que se reconheça inferior ao outro, procura pontos em que possa desqualificar a masculinidade do rival, como quando diz que numa briga que Batistão não seria de nada, por ser fisicamente fraco, ao mesmo tempo em que é também um tolo, enganado facilmente pelas mulheres.

Ambos estão em disfunção com o modelo hegemônico de certo modo, Joãozinho da Babilônia é marginalizado e pobre, um malandro que possui força física e esperteza. Batistão está em disfunção com o modelo hegemônico, pois, faltam-lhe beleza e força física, entretanto, o poder de Batistão é suficiente para colocar Joãozinho em um patamar inferior, o que de fato acontece.

O narrador dispara: “ela quem me buliu, dando nó nas cadeiras, sacaneando, na cara do velho (...) No aperto de mão, esfregou um dedo na minha palma. E se mandaram os dois. Ele, capiongo de bebida; Guiomar, lá ia Guiomar requebrando para eu ver” (ANTÔNIO, 2002, p. 78). A voz do narrador é a única perspectiva disponível, não é possível saber se isso é o que realmente acontece, mas tal perspectiva enfatiza a saída do malandro joaoantoniano: a esperteza. A esperteza é por muitas vezes a saída do homem marginalizado, a ginga, a capacidade de driblar são atributos que o malandro passa a desenvolver como ação estratégica para diminuir as dificuldades advindas de sua condição.

Ao afirmar ser seduzido pela garota, coloca em questão uma espécie de código de conduta da masculinidade marginalizada, como menciona: “tem um código na noite – mulher ofereceu, malandro não comeu, pau nele. Mulher oferecida é comida” (ANTÔNIO, 2002, p. 78). Tal afirmação nos permite a visualização de um discurso machista difundido nos espaços marginalizados. Não se trata de um discurso exclusivo dos espaços marginalizados; pelo contrário, é uma fala comum, que circula pelas conversas masculinas, pondo em questão a “obrigação” do homem de jamais negar o sexo. Dentro desse sistema, negar o ato sexual é como negar a própria masculinidade.

O personagem Batistão, como prezado como ‘homem de negócios’, passava muito tempo ocupado em viagens, como lembra o narrador: “Batistão vivia no Estado do Rio ou viajando, seus negócios. Avisava que ia chegar e não chegava. Só susto. Sim. Dava-lhe decisão: catasse com macho, cortava Guiomar aos pedaços” (ANTÔNIO, 2002, p. 78). O excerto apresenta uma das ilusões do patriarcado: acreditar na repressão como garantia de controle. Batistão acreditava que por meio da repressão e das ameaças impediria Guiomar de ser infiel. Mesmo recebendo ameaças claras, Guiomar acaba se envolvendo com Babilônia. Eis a armadilha da masculinidade hegemônica em Batista Pamplona: mesmo sendo detentor de poder e dinheiro, acaba sendo um homem enganado e traído.

Joãozinho da Babilônia é um “modelo masculino” em disfunção com o ideal patriarcal, entretanto, faz questão de exaltar a própria masculinidade por meio do sexo e da esperteza. Ao se tornar o homem com quem a mulher trai o poderoso o velho Batista, Joãozinho poderia sentir sua masculinidade sendo elevada seguindo a lógica que prega; mas demonstra fragilidade diante da situação mal resolvida: “Cada vez mais calado, no trem, comecei a olhar as coisas de baixo pra cima. Daquele tipo de boa vida, nem condenado gosta

(...) O veterano Batistão merecia um bom par de chifres” (ANTÔNIO, 2002, p. 79), o descontentamento e a raiva expressam a frustração do personagem. São dois homens em posições e situações diferentes, em disfunção com um mesmo ideal de masculinidade, ambos, em buscas frustradas.

3.1.4 Masculinidades associadas à violência e à virilidade

*Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita Munição.
Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além
E tenho disposição pro mal e pro bem
Talvez eu seja um sádico, ou um anjo, um mágico
O juiz ou o réu, um bandido do céu, malandro ou otário.
Padre sanguinário, franco atirador se for necessário.*

(“Cap. 4, vers. 3” – Racionais Mc’s)

Frequentemente associamos a virilidade à masculinidade, pois é parte do senso comum integrar uma coisa à outra. No entanto, se a compreensão que temos da virilidade é a representação de força e domínio, então podemos refletir: Batistão, homem branco, rico, manda e desmanda, é um modelo inabalável; ao menos essa é a noção que o modelo viril tenta transmitir.

A literatura de João Antônio é representativa justamente nesse sentido: ao mostrar pontos estratégicos da individualidade masculina, revela também as particularidades dos malandros. Joãozinho da Babilônia serve de esboço do que podemos apontar como uma “nova masculinidade”, um homem em contato com suas emoções, mas ainda preocupado em manter uma postura viril. Enquanto Batistão é a figura do opressor, ainda que o narrador tente evidenciar sua fragilidade. Ainda que Batistão seja detentor do poder e do dinheiro, possui seu ponto de fragilidade, o que não o compromete diante do leão-de-chácara. Josefa Popopó, personagem revela a Joãozinho o segredo do rival, o que o narrador utiliza para tentar diminuir seu rival.

Me conta, numa tarde, que o coroa é doente. Depois do terceiro copo, desanda a urinar nas calças. Aí, zangado, chama o garção e pede chope. Faz que leva à boca e derrama, de propósito, onde se mijou. Dissimula, então,

sério, aliviado:
 - Traga uma toalha para Batistão.
 Popopó garante que o velho vai dormir mijado. Todos os dias. (ANTÔNIO, 2002, p. 80)

A evidência da fragilidade masculina no modelo viril traz à tona o que Courtine (2013) define como o “paradoxo da virilidade”: “como compreender que uma representação baseada na força, na autoridade e no domínio tenha acabado por parecer frágil, instável e contestada?” (COURTINE, 2013, p. 11). Se antes, podíamos apontar a condição social e o choro do protagonista como elementos de disfunção para um modelo ideal de masculinidade, por torná-lo insuficiente, ou instável seu opositor se mostra frágil, como jamais demonstraria ser.

Segundo Courtine (2013), esse paradoxo da virilidade se torna um problema hoje em dia por conta da contradição entre o “modelo arcaico dominante” e as transformações sociais vigentes, mudanças que incluem as esferas culturais e políticas, implicando numa redefinição das identidades sexuais, pois, cada vez mais confrontado nos dias atuais, o modelo viril vem perdendo força, dando lugar a uma noção de equidade.

Embora o foco maior da análise seja o personagem Joãozinho da Babilônia, enfatiza-se Batistão nesse momento porque Joãozinho projeta uma visão de si mesmo baseado no que compreende do seu rival. A fragilidade de Batistão torna-se um dos pontos centrais, pois após revelar o segredo, o narrador aponta outros detalhes que podem ser vistos como sinais de fraqueza do personagem, como quando o mesmo é agredido verbalmente e até mesmo fisicamente por Guiomar:

O comissário quer enquadrar Guiomar por agressão e o resto da encrenca. Mas o velho, pelo caminho, no camburão, já perdoava e quer fazer as pazes. Mente que caiu no banheiro e o arranhão não dói (...) Batistão alisa, atura, pede calma. Ela mostra a esfoladela no antebraço e continua xingando a mãe. Fica encolhido e no Largo do Machado tenta beijar o ferimento, dizer que não foi nada. Toma novo esporro. O motorista ri (ANTÔNIO, 2002, p. 80-81).

A figura do homem poderoso se desconstrói e aos poucos mostra a fragilidade do personagem em faces distintas. O homem poderoso e dominador agredido fisicamente por sua mulher, e ainda obrigado a se desculpar. Caso admitisse para outros que foi agredido por Guiomar sua honra e sua masculinidade seriam reduzidas automaticamente, sendo rotulado

como o fraco, que apanha inclusive da própria mulher, um indivíduo sem moral diante de outros homens.

O personagem, ao ser agredido pela mulher, perde sua dignidade diante de outros homens porque se deixa levar, não se impõe, não “mostra quem manda”, não faz o uso da força, ou melhor, faz, mas apanha; já não é homem, pois “homem que apanha de mulher não é homem”, poderiam dizer informalmente: “um homem desse não tem moral, apanha até da mulher”.

No início da narrativa, a expectativa que se cria é em torno da fragilidade de Joãozinho da Babilônia, visto que, em tom confessional, como narrador, desabafa sua dor e toda sua instabilidade emocional. Entretanto, ao apontar a fragilidade de Batistão da Pamplona, o narrador conduz o leitor a observar os pontos fracos de seu rival, colocando o leitor diante da fragilidade como interface do discurso viril. No entanto, desfecho da narrativa, como apontado desde o início, mostra que a fragilidade de Batistão não se sobrepõe ao poder.

A construção que o narrador faz do modelo viril representado por Batistão, próximo do modelo de masculinidade hegemônica, tem sua primeira ruptura quando o personagem já se mostra vítima da esperteza alheia. A partir disso, passa a mostrar também o domínio de Guiomar sobre o relacionamento como uma fraqueza, remetendo ao que Courtine afirma sobre a face oculta da virilidade:

Isto significa dizer que ele sempre foi acompanhado como sendo a sua face oculta, pelo temor da virilidade corporal, pela apreensão diante do enfraquecimento sexual, pela sombra da falência moral. (COURTINE, 2013, p. 11)

A sequência da narrativa mostra Joãozinho ainda como um modelo masculino instável e consciente da própria posição de masculinidade marginalizada no momento em que se depara com Guiomar. Segue assim, sem entender como consegue atrair a atenção da jovem, a ponto de se tornarem amantes. Descontente com a condição, já que apaixonado desde o início cria a expectativa de tomá-la de vez de Batistão de uma vez por todas, o que desde o início da narrativa, fica claro que não acontece.

Uma madrugada, acho Guiomar no Lido. Meio bêbada, cambaia saindo do Alvorada e sapecando um esculacho no trouxa que a acompanha (...) Começa me lacrando que o corno velho está em Brasília (...) O que aquela criança estava vendo num sujeito como eu, enorme, quase dois metros (...) O velhão dava boa vida e um daqueles não se arruma todos os dias. Devagar

com o andor. Cortou rente – tinha nojo de Batistão. Mijava na cama. (ANTÔNIO, 2002, p. 81)

O texto segue com a narração de Joãozinho mostrando a afinidade e as semelhanças entre ele e Guiomar, até o primeiro encontro definitivo. É interessante que, como um indivíduo consciente da própria condição, Joãozinho procura em Guiomar alguns pontos de semelhança, como juventude, disposição, a afinidade entre si e a revolta contra a classe burguesa, a fim de justificar seu questionamento sobre o que Guiomar via nele que se sentia atraída:

Atento na guria. Fala a minha fala, malandrecia; tem lenha e dengue e esta coisa nos junta – vivendo de otário, na humilhação e no vexame, tendo de suportar as vontades para levantar o tutu dos trouxas, a gente tem bronca dessa raça. Diferença séria, raiada. Enrustida, represada. Quando a gente pode e não depende, eles tem que fazer as vontades, uma a uma. (ANTÔNIO, 2002, p. 81-82)

Reconhece-se em Guiomar a juventude e a disposição (“tem lenha e dengue e esta coisa nos junta”). A revolta em comum os faz querer tomar dos outros tudo quanto for possível, a fim de se sentirem compensados por tudo o que foi negado a ambos na vida marginal: “pudéssemos, seriam todos esfolados vivos. Todos e sem pena” (ANTÔNIO, 2002, p. 82). Ainda que humanizados, como sofredores que buscam compensação pela angústia de viver a marginalidade, não há nenhum indício de esperança de que tal condição é só uma fase. A realidade pesa na narrativa, e ambos seguem firmes como marginalizados e sem perspectiva de melhora de condição.

É provável que o reconhecimento da condição permita que se visualize uma condição de equidade entre Joãozinho e Guiomar, já que coloca homem e mulher num mesmo patamar, no mesmo nível de risco e busca pela sobrevivência.

Os mistérios e a provocação de Guiomar são as fraquezas do personagem: “graça no jogado de cabeça, uma menininha. Meus olhos nas pernas, nas ancas. Um de seus dedos bulia no umbigo, que a camiseta da moda deixava de fora. A mão, depois, foi batucar na coxa” (ANTÔNIO, 2002, p. 82). O “jogado de cabeça” é o sinal de charme, frequentemente observado por Joãozinho, destacado em momentos distintos da narrativa.

A narração do primeiro envolvimento físico/sexual de Joãozinho e Guiomar rende uma breve descrição lírica, romantizando a figura do malandro, como se pode observar no

trecho em que o narrador inicia falando de si em terceira pessoa. O protagonista destaca o próprio nome: “Joãozinho da Babilônia, apesar de falado, sabe só uma coisa na vida. E bem. Acho que não aprendi outra – lidar com malandro, trabalhar otário e adoçar mulher da vida. Quando Joãozinho quer, cuida como princesa” (ANTÔNIO, 2002, p. 82).

Embora muitos dos aspectos frequentes da caracterização do malandro sejam omitidos na figura de Joãozinho, a narrativa reitera esse detalhe ao leitor, pois embora o personagem esteja diante de uma mudança comportamental devido às circunstâncias, trata-se de um malandro, e este busca se reafirmar por meio da capacidade de enganar outros e pelo poder de conquista às mulheres.

A narrativa muda o tom, Joãozinho passa a dar indícios de seu ódio por Batistão, mais uma vez antecipando o desfecho do conto, e passa a detalhar sobre quando decide dar uma lição em Batistão. E assim, acabar de uma vez por todas com a agonia de ser amante.

Engrosso, engordo uma birra. Gana esquisita fisingando por dentro ultimamente. Pegar de jeito, dar um pau em José Batista Pamplona. Mas pau arretado, de placa, exemplar. Desses de baixar pronto-socorro. O folgado (...) Onde eu estava que não lhe enfiava o cacete? Ficava menor do que era, encolhido ali. Encorujado. (ANTÔNIO, 2002, p. 83-84)

Joãozinho questiona a própria ineficiência em tomar alguma atitude, um gesto de violência que afaste Batistão de uma vez por todas de Guiomar, mas acaba por não fazer nada. É como lembra Nolasco (1995): “as exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente mantém os homens presos à questão do desempenho” (NOLASCO, 1995, p. 21).

O desempenho é relevante para Joãozinho, no entanto, por maiores que sejam as expectativas do protagonista de viver ao lado de Guiomar sua realidade não permite ir muito além. Apaixonado, espera em algum momento estar junto a Guiomar, o que o faz repensar sua postura de malandro, visto que agiria de modo diferente, não fossem seus sentimentos por ela, mesmo, tratando-se de um homem mais sensível:

Vou comer um bagulho antes de Guiomar, no hoteleco da rua Resende. Onde é que enfio essa mulher? Fosse só bandida, eu não vacilava, botava a trabalhar para mim. Tomava o que pudesse do velho e me mandava. Mas acho graça nela. Diabo (...) Menina, pintando os dezessete anos e tinha borogodó. (ANTÔNIO, 2002, p. 87)

Joãozinho, como mostra o trecho acima, é um homem em contato com suas emoções, mas o que só acontece no momento em que se apaixona, e erro que o humaniza e o desconstrói. Essa experiência ocorre no auge de sua maturidade, tanto que é o que marca o desfecho da narrativa. Nesse sentido, vale lembrar que a mudança de visão de Joãozinho é gradativa e lenta. Só aos poucos percebe a mudança da própria postura, portanto, continua sendo o malandro, tanto que destaca: “sou um homem com mulher honesta, uma filha, onde é que Guiomar vai entrar? (...) Não posso ter mais de uma família” (ANTÔNIO, 2002, p. 87-88). Joãozinho é desonesto com a própria família, reconhece o erro, mas se vê impulsionado por sua paixão pela jovem.

Mesmo diante das circunstâncias: o medo de serem descobertos por Batistão e a inviabilidade de se investir no relacionamento com Guiomar por conta de sua família. Ainda assim, Joãozinho insiste e continua a investir nos encontros escondidos. Já estava marcado o próximo encontro quando Joãozinho soube do ocorrido, inesperado, que é noticiado pelas páginas do jornal:

Um frio na nuca, um afago na barriga. Depois, amargo na boca. Acima das letras pretas, enormes, a cara de Guiomar tirada do retratinho do documento. E eu que nunca botei fé no ciúme de Batista. A vontade me bateu quente, no começo, num sufoco. Levantava, saía de mesa no Capela, gritava para a cambada que foi ele, o velho, o cavalo se metendo a macho. Soquei a mesa e o conhaque voou (ANTÔNIO, 2002, p. 91).

A tensão se sobrepõe. A disfunção se torna completa. Guiomar está morta. Vítima da violência de seu opressor. Retrato social do drama de tantas mulheres. Outro homem que a fim de reafirmar seu ego masculino mata. É o momento que se constata o desfecho, a angústia do personagem fica ainda mais evidente.

Sem poder se despedir de sua amada, Joãozinho lamenta diante de sua mais profunda angústia: “fosse ao hotel, daria uma pista aos ratos da polícia. Aparecesse no Instituto Médico Legal, ali pertinho, os homens me iriam pensar. Contasse direitinho o meu interesse pelo presunto” (ANTÔNIO, 2002, p. 91). Caso aparecesse para se despedir do corpo, certamente, seu interesse pelo cadáver seria alvo de investigação dos policiais, ou, seria a próxima vítima de Batistão. O opressor fez valer sua palavra de ordem.

Joãozinho está em disfunção com o sentimento amoroso. A perda garante a humanização do personagem, de modo a fazê-lo repensar o rumo da própria vida. Batistão,

como prometido, matou Guiomar. Fez valer sua honra de macho, como anunciado, o poder se mostrou maior.

O desfecho da narrativa, como previsto, é marcado pelo anúncio da morte de Guiomar. Homens distintos, diante de uma mesma noção de masculinidade onde não se fere apenas a afetividade do outro, mas também, se destrói a vida de outros em nome da afirmação da própria masculinidade, em nome de uma noção de honra.

3.2 Os Desgraçados: análise de Paulinho Perna Torta

*Fico só no acompanhamento, quieto no meu canto,
aprendendo como são essas coisas.*

(Paulinho Perna Torta)

“Paulinho Perna Torta” foi escrito em 1965 e publicado no ano seguinte na coletânea *Os Dez Mandamentos*, pela editora Civilização Brasileira. Foi posteriormente integrado à obra *Leão de Chácara*, segundo livro do escritor João Antônio, publicado em 1975.

A narrativa se passa na Boca do Lixo, em São Paulo, na década de 50. Como sugere o título, o conto narra a trajetória do narrador-personagem homônimo, um dos representantes mais expressivos da obra de João Antônio.

A vida de Paulinho Perna Torta é narrada em primeira pessoa. O narrador-personagem conta sua trajetória de menino de rua, vítima da exploração e da indiferença social, até se tornar o famoso bandido Paulinho duma Perna Torta. A formação pessoal de Paulinho Perna Torta é marcada pela referência masculina de Laércio Arrudão, malandro que adota Paulinho após este conhecê-lo engraxando seus sapatos.

Laércio vive da exploração de mulheres e da enganação alheia. Responsável por guiar os passos de Paulinho, ensina a ambição ao jovem, dia a dia aprendendo a não ser apenas mais um sobrevivente do subúrbio. Laércio procura ensinar Paulinho a como ser um “homem de verdade”. Paulinho aprendeu tanto das artimanhas de seu mentor que se tornou um dos bandidos mais reconhecidos da Boca do Lixo.

A narração traz um tom profundo, a voz do bandido, mostra uma perspectiva masculina ímpar, marcada pelo tom marginalizado, onde a condição somada à desigualdade social acaba por ser influente na formação do caráter dos indivíduos.

Ao longo da narrativa analisam-se questões que dizem respeito às masculinidades, como a virilidade dentro do repertório do aprendizado cultural masculino, manifestado nos “ensinamentos” de Laércio Arrudão; além de explorar outros pontos como a repressão às manifestações dos afetos masculinos; a relação das masculinidades marginalizadas com a violência; enfim, questões que contribuem com a reflexão sobre o fardo da virilidade no cotidiano masculino.

Nesta análise, o termo no plural: ‘os desgraçados’ faz referência ao perfil dos personagens apresentados ao longo da narrativa, em síntese temos o próprio Paulinho Perna Torta, além dos que são mais próximos a ele: Laércio Arrudão e Ivete, definidos como malandros ou bandidos, de acordo com o próprio João Antônio, como simplifica a pesquisadora Dra. Luciana Cristina Correa (2002).

A análise da performance das masculinidades é desenvolvida a partir das performances dos personagens centrais: experiências e atitudes apresentadas na perspectiva do narrador, incluindo os monólogos interiores de Paulinho Perna Torta, recurso narrativo frequente nos contos de *Leão de Chácara*.

O conto é introduzido pelo trecho da canção *Século do Progresso* (1934), composta e cantada pelo sambista Noel Rosa: “um valente muito sério,/ professor dos desacatos/ que ensina aos pacatos/ o número do cemitério”. O trecho está em sintonia com Laércio Arrudão, o “professor dos desacatos”, de Paulinho Perna Torta. O título da canção ironiza a situação da violência na época da composição do samba em questão, tanto que de acordo com a pesquisadora Sandra Regina Marcelino Pinto (2011), a canção em si é uma resposta a uma manifestação de violência.

Um ponto triste de reflexão sobre a questão da chegada do novo século é a marca da violência acentuada. Violência essa motivadora da criação desse samba, mais um episódio registrado por seus atentos biógrafos, explorado mais atentamente por Elias 2005, em seus comentários sobre parcerias no mundo do samba. (PINTO, 2011, p. 118)

“Século do Progresso” canta a história de um assassino que acaba sendo morto por um tiro de revólver, ironizando a braveza dos machos sendo substituída pelo poder das armas. A história por trás da canção é marcada por um desentendimento entre Zé Pretinho e Noel, enquanto serve de anúncio da violência que viria a crescer progressivamente no Brasil no século XX. Como mencionando anteriormente, no conto a canção serve como uma prévia sobre a disposição de Laércio Arrudão em ensinar os macetes da malandragem a Paulinho.

Os marginais à moda antiga, de sapato e terno brancos, que ele [João Antônio] idealizava e nos quais apontara, via literatura, uma graça e uma grandeza antes desconhecidas, foram sendo substituídos pelos criminosos urbanos que conhecemos hoje, impermeáveis a qualquer romantização. O tempo em que criminalidade e boemia artística conviviam foi acabando, um fosso se abriu entre os dois mundos. (LACERDA, 2007, p. 11, 12)

Junto à canção, a abertura da narrativa traz ainda um trecho do próprio conto como prévia: “quem gosta da gente é a gente. Só. E apenas o dinheiro interessa. Só ele é positivo. O resto são frescuras do coração” (ANTÔNIO, 2002, p. 97), uma síntese do discurso de Laércio.

A referência do samba coloca em questão a reafirmação da masculinidade por meio da virilidade, através da violência abordada na canção: “os significados centrais da rivalidade e do desafio, vinculados à honra, iluminam o sentido de gênero de violência, tanto de homens contra mulheres, quanto de homens contra homens, em relações de rivalidade” (MACHADO, *In*: SCHPUN). Já na composição de Noel Rosa é possível perceber a violência como parte do cotidiano masculino marginalizado.

O conto se inicia com uma breve introdução, e logo, divide-se em duas grandes partes: “Moleque de rua” contando um pouco da infância/adolescência conturbada de Paulinho Perna Torta e a última: “Zona”, que conta a fase adulta do personagem.

Ambicioso e vaidoso, Paulinho Perna Torta inicia narrativa com uma fala entrecortada em que reclama pela redução do seu nome nos jornais: “sei que deram pra gostar ultimamente de encurtar o nome de Paulinho numa Perna Torta (...) E assim, São Paulo inteiro acabará me chamando de Perna Torta” (ANTÔNIO, 2002, p. 99). A preocupação do narrador com a abreviação de seu nome é reflexo do que virá a ser apresentado como uma preocupação maior de Paulinho acerca da própria identidade, sobre a tentativa constante do personagem de construir uma imagem de si como o temido Paulinho numa Perna Torta, sinônimo de poder e grandeza.

A introdução do texto mostra um indivíduo que sabe bem de onde vem, inclusive, consciente do lugar onde pretende chegar: “dei duro. Enfrentei. Comecei por baixo, como todo sofredor começa. Servindo para um, mais malandro, ganhar. Como todo infeliz começa.” (ANTÔNIO, 2002, p. 99). Ainda na infância conta que aprendeu o ofício de engraxate na intenção de que isso pudesse ajudá-lo a conquistar sua dignidade. Nas ruas por onde passou não existia solidariedade pelo outro: “me ensinaram que meu negócio era ver e desejar. Parasse aí” (ANTÔNIO, 2002, p. 100). Nas ruas o que impera é a busca pelo essencial para a sobrevivência, tudo o mais é luxo, sem espaço para os desejos de uma criança. A fala do personagem mostra que vale na prática o senso comum: “manda quem pode mais”, é o que o texto revela: manda quem pode se impor, e obedece quem não pode se defender.

Ainda em processo de maturação, o menino Paulinho teve apenas posteriormente Laércio Arrudão como referência para formação pessoal, tendo de aprender a lidar sozinho com a condição de marginalizado: “aguentei muito xingo, fui escorraçado, batido e dormi de pelo no chão. Levei nome de vagabundo desde cedo. Lá na rua do Triunfo, na Pensão do Triunfo, seu Hilário e dona Catarina” (ANTÔNIO, 2002, p. 100). Desde cedo em contato com verbalizações agressivas e ações violentas, Paulinho Perna Torta representa aqui um homem em processo de formação, em contato com violência e o abandono, alimentando a própria frieza, sem qualquer conforto ou dignidade.

É recorrente o uso do verbo “aguentar” nessa primeira parte do texto. O narrador traz de modo singelo a definição do fardo da virilidade para si: “ser forte” e suportar: “aguentava muito frio nas pernas, andava de tênis furado, olhava muito doce que não comia e os safanões que levei no meio das ventas, quando me atrevia a vontades” (ANTÔNIO, 2002, p. 100). Sendo pobre não podia ter, e como “homem de verdade”, não poderia chorar por isso, teve de suportar, aguentava.

A apresentação do personagem Laércio Arrudão se faz aos poucos no decorrer da narrativa, no entanto, fica evidente desde o início a importância do personagem na vida de Paulinho. Laércio é um “quase pai”, um tutor que adota Paulinho ainda adolescente após prestar serviços a ele como engraxate.

3.2.1. Os Mandamentos de Laércio

Mulher lava os pés do seu homem e enxuga com os cabelos. Arrudão me ensinou assim

(Paulinho Perna Torta)

Os ensinamentos de Laércio como são mencionados, são hábitos viris que por meio da expressão da violência impõe o poder sobre outrem. Esses ensinamentos incluem considerações sobre a malícia e esperteza do malandro, além do uso da força para impor o respeito almejado. Práticas que instruíram Paulinho sobre como se comportar para suportar a convivência com malandros e bandidos, tudo para que se tornasse “um homem de verdade”. Como afirma a pesquisadora Vima Martin sobre a primeira obra de João Antônio e o conto analisado: “nessas duas obras, que consolidam o estilo do escritor, a preocupação com o “conhecimento verdadeiro do homem” a ser trabalhado ficcionalmente suplanta o que poderia ser apenas um registro superficial de suas atitudes e falas” (MARTIN, 2008, p. 52). A questão da virilidade no conto analisado fora antes abordado pela pesquisadora Telma Silva (2009), como se pode verificar:

Em Paulinho Perna Torta (...) a preocupação com a virilidade é, também, uma constante. O menino “Paulinho” recém iniciado nas coisas do amor, se aconselha com o malandro mais velho, espécie de tutor, Laércio Arrudão. Este é, aliás, um texto em que a nostalgia dá o tom. Assim como em *São Bernardo*, em que acompanhamos a agonia de Paulo Honório diante de sua inadequação ao “mundo moderno”, também Perna Torta sente que seus referenciais se desfizeram. (SILVA, 2009, p. 171)

A virilidade está ligada à noção hegemônica de masculinidade, pois concentra suas ações em princípios de virilidade que basicamente ditam o comportamento e as atitudes que se esperam de um homem, é mais bem explicada por Welzer-Lang (2004): “a categoria homem caracterizava-se, assim como o Cristo na hóstia, por uma presença real, mas oculta” (WELZER-LANG, 2004, 112). Em outras palavras: a noção que se propaga como um modelo ideal de homem existe, mas ninguém nunca viu.

De início, o jovem Paulinho aprende a se beneficiar através da própria esperteza, usando de práticas ilícitas. Entendendo que estas seriam as medidas necessárias para o próprio

desenvolvimento, já que diante de seus esforços trabalhando acabava mais frustrado do que compensado: “eu, morto, entregava depressinha. Muita vez, na arrumação me furtavam o dinheirinho suado, arranjado no brilho dos sapatos. A devolução? Cobrasse e levaria safanão ou deboche” (ANTÔNIO, 2002, p. 103). A virilidade enaltece o ego, quem pode bate, quem não pode, apanha, e quem apanha só não reclama para que não seja pior; essa provavelmente tenha sido uma das primeiras lições aprendidas por Paulinho.

Sem questionar coisa alguma, Paulinho aceita a doutrinação do mentor: “o ensino de Arrudão quer meu bem” (ANTÔNIO, 2002, p. 129). Essa é a visão do protagonista sobre as lições que lhe foram transmitidas. Paulinho entende que para chegar a ser um “homem de verdade” ou um malandro de primeira linha, precisa aprender a pensar apenas em si próprio, sendo o homem contra o mundo, anulando qualquer compaixão ou empatia, apenas o seu querer sobre o dos outros.

O desempenho masculino é determinante no momento de se impor, como afirma Sócrates Nolasco (1996): “as exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente, mantém os homens presos à questão do desempenho” (NOLASCO, 1996, p. 21). Exigências constantes de desempenho são muitas das vezes responsáveis pela frustração de tantos homens, frustração essa que não se compartilha entre outros, pois, na perspectiva das masculinidades, compartilhar algo assim tornaria o homem vulnerável por demonstrar fraqueza, por conta disso, as relações sociais masculinas são geralmente marcadas pela ausência de diálogos profundos.

Nolasco (1996) caracteriza essa ausência de diálogo como uma tentativa masculina de anulação das próprias experiências interiores, algo que já vem da socialização dos meninos, sobre como aprendem a estabelecer suas relações sociais desde a infância, o pesquisador acrescenta: “no que diz respeito à socialização das meninas, percebemos que desde cedo uma inter-relação vai sendo tecida entre corpo, subjetividade e maternidade” (NOLASCO, 1996, p. 26). Meninos e homens são afastados dessa inter-relação masculina: corpo, subjetividade e paternidade; cria-se a noção apenas do corpo, como no caso de Paulinho, onde a força e a capacidade de suportar/aguentar foi determinante para superar a hostilidade dos espaços onde habitou.

A virilidade é sobreposta às experiências subjetivas como uma marca no cotidiano das masculinidades de modo geral. Enquanto a violência é vista no cotidiano masculino desde a

infância das mais diversas formas, utiliza-se da força para ‘impor o respeito’. Suportar ou aguentar acaba por ser uma forma de expressão da virilidade, como se verifica em Paulinho Perna Torta.

A relação entre Paulinho e Laércio tem início na formação juvenil do menino e se intensifica quando Laércio leva o garoto para viver e trabalhar na zona. Lá os ensinamentos de Arrudão passam a serem postos em prática, e aos poucos se percebe a mudança da percepção de Paulinho sobre a própria condição.

Zona foi vida boa. Foi depois de Laércio Arrudão me apadrinhar e me ensinar o riscado do balcão, para cima e para baixo, servindo cachaça, fazendo sanduíche e tapeação nos trocos; misturando água nas bebidas quando, noite alta, as portas do bar desciam e Laércio ia fazer a féria e eu as marotagens nas garrafas. Sim. Mas antes dessa coisa de zona, me rebentei por aí. (ANTÔNIO, 2002, p. 101)

Laércio faz de Paulinho um malandro aos seus moldes: “Manicuro as unhas, ajambro com panos ingleses, fumo charuto holandês e a crônica policial comenta com destaque porque declarei, dia desses, que minha marca é só Duc George” (ANTÔNIO, 2002, p. 146). A narração de Paulinho Perna Torta é marcada pelo discurso sem sentimentalismos, numa tentativa constante de firmar a postura de homem frio e inabalável.

A solidão é um elemento presente em “Paulinho Perna Torta”, cabendo à denominação de Tânia Macedo (2002) aos personagens de João Antônio, os ditos “malandros tristes”. Pois, embora a fala de Paulinho o apresente como viril e violento, a solidão aparece em diversos momentos, como uma sina, uma ferida sentimental e irremediável que o acompanha sempre.

“Paulinho Perna Torta”, sendo um texto em primeira pessoa traz somente a perspectiva do próprio personagem a respeito dos fatos, embora procure não demonstrar claramente seus sentimentos, permite escapar algumas sensações intermitentes, como a condição de solidão expressa no trecho: “onde muita vez eu curti dor de dente sozinho, quieto no meu canto, abafando o som da boca, para não perturbar os outros” (ANTÔNIO, 2002, p. 102). O personagem analisa a própria condição, procurando não demonstrar qualquer mágoa ou fraqueza, reforçando seu ‘papel de homem’, na tentativa de manifestar somente a força e a resistência de sempre, ainda que o amargo da solidão seja sua sina e, silenciar isso seja sempre uma tarefa bastante difícil.

A definição do espaço na narrativa de João Antônio é fundamental, pois conduz o leitor à perspectiva do personagem que percorre e observa avidamente cada espaço da Boca do Lixo e das regiões ao redor, como se pode constatar em algumas passagens do conto, oferecendo uma noção do contexto histórico-social da narrativa, algo para se refletir, afinal, o primeiro título do autor, *Malagueta, Perus e Bacanaço* fora lançado às vésperas do Golpe Militar, algo que viria a transformar as relações sociais do Brasil naquela época.

Lixão. Naquele tempo, estas ruas aí às beiras das estações de ferro não expunham estes bordéis todos, onde basbaques, otários, malandros e polícia se amontoam, se comprimem e multiplicam trampolinagens, brigas, corridas, prisões, fugas. Lixão é agora. Falo da dos Andrades pra baixo. A dos Gusmões, a General Osório, a do Triunfo, a dos Protestantes... Só as duas últimas é que tinham algum tropel. O resto, ordem. A Santa Ifigênia enfeitava-se de muita confeitaria e de loja decente e fachadas bonitas onde se vendiam coisas de preço (...) No Bom Retiro. Aquilo era um formigueiro na rua Itaboca e dos Aimorés. Até gente morria. Tiro, facada, navalhada, ferrada e todo o resto do acompanhamento. Mas era um braseiro isolado e não ninguém fora dali. (ANTÔNIO, 2002, p. 103-104)

O pesquisador Adélcio de Souza Cruz (2009), ao desenvolver estudos sobre literatura e violência, define a periferia presente nos textos de João Antônio como subúrbio, destacando a distinção entre esse espaço periférico e as favelas. O subúrbio inclui como personagens os “remediados”: a baixa classe média, composta por estes e por operários: “sua narrativa se desloca pela caserna, por bares frequentados por malandros, jogares de sinuca, operários, revelando, por conseguinte, espaços eminentemente “reservados” à masculinidade” (CRUZ, 2009, p. 100).

São diversos os espaços percorridos por Paulinho, em sua maioria, ambientes hostis marcados pela virilidade, caracterizados por frequentadores típicos: “o Bar do Porco era velho e fedio; era muquifo de um português lá onde, por uns mangos fuleiros, a gente matava fome, engolindo uma gororoba ruim, preta. Mas eu ia” (ANTÔNIO, 2002, p. 105). Um espaço quase que exclusivamente masculino semelhante aos botecos do subúrbio paulistano.

A pesquisadora Telma Silva (2009) aborda a relação dos personagens de João Antônio no cotidiano brasileiro fora da ficção, destacando a postura do escritor de defender a “vida real” como princípio de sua ficção, algo responsável pelo lirismo de seus textos, de acordo com o autor em *Corpo-a-corpo com a vida* (1975). Silva (2009) observa ainda a segunda

parte do conto, “Zona”, apontando como o momento de fluidez sentimental do personagem: “em grande parte desse trecho intitulado ‘Zona’, o malandro narra suas idas e vindas pela cidade. Temos, então, seus sentimentos cartografados por meio das paisagens urbanas” (SILVA, 2009, p. 80).

Os passeios de bicicleta são os momentos singulares de leveza e liberdade experimentados pelo protagonista: “pedalando, curtindo as descidas, ele sente o sol, o vento tocando seu rosto e se vê como parte do mundo” (SILVA, 2009, p. 80). Como é possível verificar na narrativa:

Vou pedalando. Muito tranchã, esta magra em que pedalo, camisa aberta, pondo o peito pra frente, o queixo quase-quase no guidão, fazendo curvas e ficando disparadas por essas ruas de São Paulo, tirando minhas finas entre postes e carros, avançando contra-mão, tirando as mãos do guidão e guiando só com os pés, na gostosura maior desta vida... De quando em quando, me dando à fantasia de ir pelas ruas desertas, curvando sempre, de calçada a calçada, como se estivesse dançando uma valsa vienense. (ANTÔNIO, 2002, p. 116)

Trata-se de um dos poucos momentos em que Paulinho se afasta dos ambientes cercados por masculinidades em disputa, inclusive, é a partir dessa segunda parte que se constroem as reflexões mais significativas no que concerne às masculinidades, pois é quando Paulinho Perna Torta se põe definitivamente a descrever Laércio Arrudão e relatar seu convívio com ele, sem apenas mencioná-lo. É esse convívio que vai ditar a postura e o comportamento de Paulinho duma Perna Torta, e vai aos poucos moldando a noção de masculinidade hegemônica no personagem.

Engraxando lá uns tempos nas caixas da entrada da barbearia, que conheci, bem-ajambrado e já senhor, no terno claro de brilhante inglês, que fazia a gente olhar, mão luzindo um chuveiro e dentes brancos muito direitinhos, um mulato muito falado nas rodas da malandragem, professor de picardias, dono de suas posses e ô simpatia, ô imponência, ô batida de lorde num macio rebolado! Laércio Arrudão. Que foi pelos meus olhos acesos e verdes ou pela minha cara de esperto muito acordado; que foi pela mão de Deus ou por uma trampolinagem do capeta. Mas foi minha maior colher de chá, o meu bem –bom, a minha virada nesta vida andeja. (ANTÔNIO, 2002, p. 111)

Ainda jovem Paulinho passa então a nutrir por Laércio imenso respeito e consideração, pois é quem o acolhe ainda adolescente: “pela primeira vez eu morava em

algum lugar” (ANTÔNIO, 2002, p. 111). Laércio se torna uma espécie de tutor do inexperiente Paulinho Perna Torta, e assume a missão de ensiná-lo a “ser homem”.

Sobre esses “ensinamentos” abordados, a compreensão que se tem é que de alguma forma acabam por ser um processo de ‘doutrinação masculina’, pois, busca-se a definição de um caráter fundamentado numa concepção arcaica de masculinidade. Destacam-se as considerações de Baubérot (2013) sobre a virilidade como um processo: “nenhum destino biológico, psíquico, econômico é capaz de definir a forma que assume dentro da sociedade o macho humano” (BAUBÉROT, 2013, p. 189).

Segundo o pesquisador, o que chamamos de viril, nada mais é do que um produto intermediário entre o homem e o super-homem. Connell & Pearse (2015), contribuem para a consolidação dessa visão ao afirmar que ser homem ou ser mulher não se trata de uma condição predeterminada, mas sim, de uma condição em andamento, num processo de construção: “embora as posições de homens e mulheres não sejam simplesmente paralelas, o princípio também é verdadeiro para os homens: ninguém nasce masculino, é preciso tornar-se um homem” (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 38). Dentro dessa lógica, “ser homem” significaria corresponder somente às expectativas que a definição de “homem de verdade” impõe, um rótulo vago, impreciso e repleto de preconceitos e estigmas. É nessa perspectiva que se pensa a construção da virilidade.

Segundo Bourdieu (2002), a virilidade faz dos homens prisioneiros sem se darem conta de tal condição, pois estão condicionados num ‘dever-ser’ que implica repetidamente ações que demonstrem e reafirmem o ‘ser homem’ num âmbito social, tendo as manifestações de força e de violência como referências essenciais para tal demonstração.

A afirmação de Baubérot (2013), “não se nasce viril, torna-se viril”, faz referência à conhecida frase de Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se”. Faz sentido aplicar tal afirmação na narrativa, pois, Paulinho que antes era um menino amedrontado, aprende com Laércio a como ser viril, a fim de tornar-se um “homem de verdade”.

A segunda parte da narrativa, intitulada “Zona”, permite-nos visualizar a virilidade em processo de maturação, o que passa a se consolidar por meio do discurso frio e cada vez mais opressor do protagonista. A partir dessa segunda parte podemos observar a (trans) formação do discurso masculino de Paulinho. É como se o personagem assumisse daqui por diante um

comportamento pautado nos estereótipos masculinos, o que redefine bruscamente a postura masculina do personagem.

Ainda jovem Paulinho passa a morar na zona e permite a Laércio instruí-lo em busca de ascensão e prestígio social. A introdução dessa segunda parte da narrativa se dá pela observação do narrador/personagem enquanto passeia de bicicleta pelas ruas de São Paulo, para além da Boca do Lixo.

Redefinido, o primeiro pensamento que ocorre a esse novo Paulinho Perna Torta, agora adulto e experiente é sobre a exploração de sua mulher, sobre como poderia fazê-lo da melhor forma: “Com essa história de enganar Ivete nas horas, ganho um monte de tempo. Horas. E zanzo demais por aí, em cima da minha magrela” (ANTÔNIO, 2002, p. 113). Ivete é a prostituta e companheira de Paulinho. Além das enganações cotidianas, Ivete é ainda a fonte de renda e sustento do malandro.

A masculinidade hegemônica, como descrito no segundo capítulo deste trabalho, segundo Connell & Messerschmidt (2013), é a noção de masculinidade ideal, que dita a postura e comportamento masculino para a formação de um “homem de verdade”. Tal modelo prega ainda a garantia do poder masculino sobre a mulher, por meio da submissão.

Nesse contexto de época e de condição marginalizada, aparenta relativizado o fato de o homem ter uma prostituta como companheira e a utilizar como fonte de renda. Paulinho aprende com Laércio que não tem necessariamente que trabalhar se tiver por onde fazer dinheiro. Deste modo, Ivete é a fonte de exploração de Paulinho, diante disso, o mesmo passa a compreender as atividades da companheira como um dever, sem a mínima compaixão ou empatia pelas condições de sobrevivência da mulher:

Firma o corpo, chama os homens, levanta o dinheiro. Mango por mango, ali. Pelo quarto-quinto freguês, está englobada de cansaço. O corpo querendo afrouxar. Mas firma e vai valente. Outra vez Ivete mete um tóxico na cabeça. Otedrina misturada a espasmo de Cibalena ou qualquer primeiro barato que encontra na farmácia. Coraçõzinho ou baratinho, maconha ou picada de injeção. Tanto faz. Todo barato é um incentivo quando uma mulher tem vontade e um homem para sustentar. (ANTÔNIO, 2002, p. 115)

Paulinho aprendeu com Laércio que na condição de homem não teria de se esforçar para alcançar seus objetivos, teria apenas de manipular a mulher para que conseguisse meios de dar a ele os bens almejados: “Pede, meu. Ela dá a grana. Mulher gamada dá tudo. Parte pra

qualquer negócio” (ANTÔNIO, 2002, p. 117). Considerações como essa expressam o domínio do homem sobre a mulher, algo propagado como regra. É necessário enfatizar que o material em análise é um produto de ficção, entretanto, a literatura é terreno fértil para situarmos a realidade e confrontá-la, de modo a observar a performance de Paulinho como exploração do corpo feminino, por assim dizer, em tom hiperbólico, porém, trata-se de um simulacro da realidade, ainda que fragmentado, poderia ser mais um trecho de histórias reais do cotidiano, pois a exploração e a opressão são reais e frequentes.

Toda uma literatura crítica dedicou-se a decodificar a maneira pela qual meninos, ao longo de sua infância e adolescência são levados a interiorizar formas de pensamento e maneiras de agir que os preparam à tomada de posição nos encadeamentos das relações de poder e de dominação. (BAUBÉROT, 2013, p. 190)

Ao observar o discurso viril como uma espécie de doutrinação ou de transmissão de hábitos, é possível verificar a forma como as instâncias de socialização, ou até mesmo, instâncias educativas (em outros casos), incentivam o compartilhamento de estereótipos viris, o que implica a análise dos “mecanismos de produção e de transmissão do hábito viril” (BAUBÉROT, 2013, p. 190).

Apontamos essa transmissão de hábitos viris como determinante na disseminação de discursos de ódio e de hábitos opressores, o que não existe apenas na ficção de João Antônio. No contexto da narrativa a exploração sexual feminina é considerada comum, enquanto deveria ser apontada como uma prática criminosa, mas a ficção dialoga com a realidade social apresentada.

Kalifa (2013) levanta um questionamento sobre o tratamento relativizado à conduta viril: “o que resta então de “criminoso” na visualização dessa virilidade que parece pertencer aos códigos e práticas, exacerbados, sem dúvida, mas comuns das classes populares?” (KALIFA, 2013, p. 323). Há duas especificidades apontadas pelo autor nesse sentido: o mercado de prostituição e a experiência do cárcere.

Aspectos presentes na narrativa analisada, práticas criminosas que equivocadamente exaltam a virilidade, digo equivocadamente, porque, na prática, são ações que dizem respeito à formação de um indivíduo macho, não prevendo a formação de um homem em sua totalidade, priorizando apenas a noção da força e do corpo:

Saibam que Ivete, francesa, 31 anos, tem quinze de putaria. Faz a vida na casa mais cara da zona. Salão Azul, o 178 da Aimoré. É completa na cama, tem fregueses caros, sujeitos que chegam de *Cadillac* e pagam direitinho. É, cismou comigo à toa, à toa. Meus olhos verdes? Sei lá. (ANTÔNIO, 2002, p. 118)

Kalifa (2013) tem considerações sobre os temas prostituição e cárcere que muito somam à percepção da nossa análise. O cárcere como marca de exaltação de experiência e virilidade também se faz presente no conto, aparecendo num dos momentos finais da narrativa. Kalifa (2013) aponta algo que fica evidente no conto em questão, no que se trata da prostituição: “um princípio intangível funda o conjunto: a mulher é uma possessão do homem que não se discute” (KALIFA, 2013, p. 323). Embora em prostituição se visualize o corpo feminino como um produto para fins mercadológicos, falta muitas vezes compreender que a prostituição se baseia na apropriação do corpo feminino como fonte de renda para cafetões e responsáveis pelo aliciamento de mulheres a essa prática.

Como se pode verificar no conto, desde meados da década de 50, ou mesmo antes dessa época, não pertence à mulher o dinheiro arrecadado com a prestação de serviços sexuais. O lucro da prostituição é prestígio dos cafetões, o que evidencia a posição de privilégio de uma masculinidade marginalizada que não compreende a dimensão dos danos sociais causados pela cafetinagem. O discurso de Paulinho é fiel ao que se compreende do comportamento masculino em uma posição de domínio e opressão, tanto que aponta as manifestações de violência como forma de obter o controle sobre os ganhos da cafetinagem.

Laércio começava a me escolar que quem gosta da gente é a gente e só o dinheiro interessa. Só ele é positivo. O resto são frescuras do coração (...) À noite, à toa, meti-lhe um sopapo na caixa do pensamento. Ela caiu e quis pôr a boca no mundo. Chapotei-lhe mais um muquete e se aquietou.
- Fale baixo comigo. (ANTÔNIO, 2002, p. 121)

A violência é um elemento comum no ambiente marginalizado, assim como o comportamento viril e hostil. Deste modo, pode-se considerar o que se diz no senso comum sobre violência gerar ainda mais violência, pois torna-se algo perceptível no conto em questão: Paulinho é ofendido, mais tarde, ofende, até que aprende que, segundo Laércio Arrudão, é à base da violência que se impõe respeito:

Uma criança. Um dia de cabeça quente, boquejei com Laércio, pedi-lhe uma luz. O mulato me zombou e ouvi xingo, esculhambação, desconsideração. Fiquei desengonçado como um papagaio enfeitado. Entendendo nada.
- Também... Você deixa a gringa lhe fazer gato de sapato. Dá-lhe um chalu, seu trouxa!. (ANTÔNIO, 2002, p. 120)

O discurso apresentado pelo narrador soa exagerado, porém, trata-se de uma fala verossímil, é comum a fala de que o homem precisa corrigir a mulher, ou de que precisa coloca-la em seu lugar. O alto índice de violência doméstica e feminicídio no Brasil sugerem que a noção de “correção” ainda se perpetua na sociedade, o uso da violência em nome da noção ilusória da ‘honra’ masculina. Sobre o exercício de “correção”, Kalifa (2013) aponta a concentração da violência do tratamento dos cafetões com prostitutas, o problema observa-se em falas do cotidiano masculino: “a correção pode chegar até a morte, cuja exemplaridade está supostamente garantida na obediência das garotas. Porém, o bom cafetão sabe machucar sem danificar” (KALIFA, 2013, p. 324). Trata-se de um discurso presente entre homens e ainda se dissemina, a ponto de relativizar o comportamento do homem que age de maneira hostil e agressiva.

3.2.2 “Se tenho coração é para coisas do meu gasto”: a anulação dos afetos

*Gostar você vai gostar de todas, mas amar não,
você nunca deve amar alguém*

(Jair Batista de Oliveira)

As relações interpessoais masculinas quase sempre utilizam da reafirmação como instrumento de imposição do modelo hegemônico: “homem que é homem” a fim de recobrar a postura e o comportamento do homem na sociedade, como se “ser homem” compreendesse apenas as noções de postura, aparência e força física, dentro da perspectiva masculina, a ausência de algum desses atributos já se torna suficiente para que um homem possa desqualificar e/ou julgar como menor a masculinidade alheia.

Segundo Kalifa (2013), os princípios dessa visão se pautam na visão distorcida de honra e de potência. Primeiro, “o homem respeitará a palavra dada, ele não “murchará” diante

do perigo ou do combate” (KALIFA, 2013, p. 310). É interessante perceber que na perspectiva masculina a honra não está ligada à moral, já que não busca discernir ou buscar analisar situações com senso de justiça, apenas atender aos próprios interesses. É como se “ser homem” fosse sobre não hesitar diante de uma situação de perigo, ou sobre nunca demonstrar fraqueza, como se demonstrar fraqueza fosse uma condição passiva restrita às mulheres.

A ideia de força e potência acaba por ser um processo de anulação das experiências interiores do homem, conseqüentemente, a frieza e o afastamento da sensibilidade contribuem para a propagação dos estereótipos, como afirma Sócrates Nolasco (1996): “o machão, o homem educado, o menino que não reage a brigas, enfim, hoje, qualquer um destes tipos recebe um olhar inquisidor que põe em dúvida sua preferência sexual” (NOLASCO, 1996, p. 18). Práticas como essa incentivam a tentativa de anulação dos sentimentos por parte dos homens, como o faz Paulinho Perna Torta.

Segundo Kalifa (2013), a potência está ligada ao desprezo pela mulher, com exceção da própria mãe (já que se trata de uma figura santificada nesse contexto). Homens são instruídos desde meninos a não se apaixonar, a buscar antes de tudo atender ao seu desenvolvimento profissional e pessoal, enquanto mulheres são mais comumente conduzidas ao casamento como primeiro plano. O contato com o sentimento amoroso não é de todo anulado, como afirma o pesquisador: “o amor, claro, não é desconhecido neste mundo. Mas ele deve permanecer nos limites que impõe a condição do macho” (KALIFA, 2013, p. 312). As considerações de Kalifa nesse sentido apontam para as discussões sobre a afetividade. O homem de modo geral, tal como Paulinho Perna Torta, abstém-se do contato com o sentimento amoroso para que não se torne sensível ou sentimental, o que poderia tornar um indivíduo mais vulnerável, o suficiente para que outros possam questionar sua masculinidade.

A anulação da própria empatia e sensibilidade é o que caracteriza o “processo de construção da virilidade” em fase de conclusão. A melancolia passa a se acentuar cada vez mais na narrativa, o suficiente para que o tom melancólico de diversas passagens possa ser um indicador da frustração assombrando os pensamentos de Paulinho, que, preocupado em manter a postura de macho não se permitiu viver como uma pessoa comum. O personagem chega ao estágio de maturação viril concluído, tornando-se um homem frio, calculista e extremamente apático.

O brilho de simpatia nos olhos de Laércio Arrudão começou por me ensinar que quem bate é o homem. E manda surra a toda hora e fala pouco. Quem chega tarde é o homem. Quem tem cinco-dez mulheres é o homem – a mulher só tem um homem. (ANTÔNIO, 2002, p. 120)

O brilho no olhar de Laércio Arrudão sugere a cumplicidade existente dentro das relações interpessoais masculinas, um ponto de destaque inclusive, pois são relações em que se enaltece a cumplicidade sem qualquer valorização de princípios éticos e/ou morais, algo que é disseminado em falas que aparecem no cotidiano como um pacto: “homem que é homem não entrega o outro”, estranhamente, os códigos de conduta da masculinidade hegemônica não se pautam na ética ou na moral, ainda assim a honra é compreendida como um princípio norteador das ações masculinas, o que na prática demonstra a honra como um escudo para a defesa do próprio ego.

No Brasil, a força da categoria relacional da *honra* funda a construção simbólica dos gêneros, no que eles têm de mais impensado e naturalizado. A construção hegemônica dos valores do masculino faz lembrar os padrões mediterrâneos da construção simbólica masculina em torno do desafio da honra, do controle das mulheres e da disputa entre homens. (VER PERISTIANY, 1970, *apud* MACHADO, 2013, p. 51-52)

Na narrativa, destaca-se ainda o espaço marginalizado, em que a resposta para o não-cumprimento dessa premissa é a violência imediata. O delator, *alcaguete* acaba por ser penalizado por não apoiar as ações do outro, como é possível verificar no trecho:

Se me enfio numa quizomba, posso ir firma; os dois vão pra fogueira comigo. Que aqui entre malandros ninguém mijá pra trás, não. Quem desconsiderar e não for companheiro, dando mancada ou fazendo pouquinho, não pode ser malandro. É um safado precisando de lição. E é podado das curriolas. (ANTÔNIO, 2002, p. 126)

Além da relação de cumplicidade dentro de um grupo masculino, observa-se que há também a presença de uma figura que serve de referência para o comportamento dos demais. Nesse caso, temos Laércio Arrudão, como a base central disso no conto, sendo possível perceber até mesmo a romantização da figura do malandro na perspectiva do protagonista, descrito quase que como um herói: “dono da bola, sua palavra tem peso de lei. Canta de galo

aqui e não trabalha. Fiscaliza. Faz a fêria, pede o livro. Dar ordens é com ele. Os malandros ficam à sua roda ouvindo, aprendendo e adulando” (ANTÔNIO, 2002, p.126).

É possível que nas relações sociais masculinas de um modo geral se estabeleça uma figura central como referência, como é o que pode representar um pai num contexto familiar ou um líder bem sucedido em situação profissional, no caso do conto, essa figura está associada a Arrudão, na visão do narrador Laércio Arrudão é um símbolo da masculinidade ideal, pelo menos dentro de um contexto marginal.

No conto temos a figura de um indivíduo que é referência para os demais pelo fato de manter o domínio sobre suas relações de poder, aquele que “sabe ser homem”, como sintetiza Kalifa: “saber se servir dos músculos e dos punhos. Esta é, com toda evidência, a capacidade decisiva, aquela que faz ou desfaz as reputações, alimenta as “façanhas”, confirma a hierarquia” (KALIFA, 2013, p. 308).

Laércio confirma sua posição na hierarquia explorando mulheres, roubando, apostando e fazendo uso da violência sem o mínimo pudor ou compaixão, tudo, apenas para manter-se em posição de privilégio, além de propagar o estereótipo da masculinidade hegemônica por onde passa. É importante observar o quanto o objeto literário interage com o estereótipo do malandro, até mesmo nas condições e qualidade de vida, que variam de acordo com as relações de poder, ampliando ou restringindo: “- Em casa de malandro, vagabundo não pede emprego – a lei de Laércio inclui poucas liberdades” (ANTÔNIO, 2002, p. 127). Narrado sob uma perspectiva romantizada, a figura do merduncho ganha aspecto de grandeza.

Pouco antes do final da segunda parte do conto, Paulinho narra o fim da zona. Com intervenção da polícia militar e sob uso de violência, homens e mulheres se veem cercados pelo fogo, espreitando a própria morte. É o fim da zona, o que na narrativa indica o início de outro ciclo. A sequência de cenas violentas nos permite a análise da performance de Paulinho diante de situação conturbada:

Xingação, berreiro, choro alto e arrastado, cheiro de carne queimada e fumaça. Voa de tudo pelas janelas. Quebram cama, cadeira, oratórios... Sangue se espirra no lixo da rua. Sujam, quebram o trato do nosso arrego. Capturam Bola Preta e Diabo Loiro, metem algemas, lá vão os dois cobras cuspidos de correndo o pé, em resistência. Dão pesadas. São casseteteados, Bola Preta cai e chutam-lhe os rins. (ANTÔNIO, 2002, p. 140)

As cenas de violência seguem progressivamente e rapidamente em períodos curtos remetendo às ações rápidas e brutais: “carnes se desmancham, braços e pernas. Dez-doze mulheres. Braços, pernas. Os cadáveres ainda ardem” (ANTÔNIO, 2002, p. 140).

É interessante observar que se trata de um dos poucos momentos da narração em que Paulinho se permite demonstrar seu medo. Logo que percebe a chegada da polícia se esconde no interior de uma caixa d’água, e de lá observa aos seus pares sendo presos e/ou mortos. Mesmo diante de uma descrição sensível da situação, não manifesta grandes emoções além do susto e do desconforto causado pela angústia da morte de sua companheira Ivete:

Meteu-se fogo também. Ivete está morrendo devagar na rua Aimorés, há cinquenta metros meus. Eu nunca vi morte assim e sei lá como me aguento quieto, me remexendo por dentro e não podendo fechar os olhos. Nem sinto a água gelada até o peito, nem o tempo que terei ainda de me aguentar aqui (...) Minha boca fechada há muito, os lábios se mordendo. Ivete cai de vez. (ANTÔNIO, 2002, p. 140-141)

Não é a morte de uma mulher com quem Paulinho tem vínculos afetivos que o desestabiliza, mas é a brutalidade da morte que presencia que o abala. Ou seja, não é por empatia, solidariedade ou muito menos amor, trata-se apenas de uma cena incômoda que não o abala emocionalmente, apenas o desestabiliza por ser um episódio chocante, e incômodo, é a mesma sensação de quem presencia um acidente: a impotência diante de um momento que por si só desperta compaixão, mas só porque é triste o fim, e nada mais.

3.2.3 De 53 pra cá

*Às pessoas que eu detesto diga sempre que eu não
presto, que o meu lar é o botequim, que eu arruinei
sua vida, que eu não mereço a comida que você
pagou pra mim.*

(Noel Rosa – Último desejo)

Após 1953, muitos dos bandidos conhecidos de Paulinho Perna Torta foram mortos ou presos, dentre eles: “Peguei um espeto atravessado num ônibus Avenida quando mandava o couro do bolso de um otário. Caí na Detenção” (ANTÔNIO, p. 2002, p. 142). O destino dos

malandros é incerto, mas a passagem pela cadeia é quase que um rumo certo diante de tantas ações ilícitas, com Paulinho não foi diferente.

Mesmo diante da condição de detento, o narrador-personagem ainda busca vantagens naquele ambiente e se mostra superior aos demais diante da experiência do cárcere. Há um novo espaço conquistado, Paulinho se fortalece: “Sou juiz da cela do terceiro pavilhão – o lugar especial dos perigosos. Aqui corre maconha, tóxico, cachaça e carteadado. Afino mais o meu joguinho: lá fora, em liberdade, há trouxas; aqui é só malandro” (ANTÔNIO, 2002, p. 143).

Encarcerado, Paulinho se manifesta de maneira soberba, mantendo a postura do homem/malandro que não se abala, nem mesmo na pior situação. É o que demonstra o ar de grandeza na fala do personagem. Como destacamos outrora, segundo Courtine (2013), a virilidade possui uma face oculta: a fragilidade. Porém, o homem inabalável nessa situação é o mesmo que diz não entender de afetos, que reclama para desviar e não deixar transparecer sentimentos: “esta hora da tarde de domingo é uma tristeza besta, eu sinto falta do corpo dela. Distribuo ordens. Que me traga um advogado” (ANTÔNIO, 2002, p. 143). Paulinho reprime os próprios afetos como forma de desviar o foco dos seus sentimentos, pois, para ele, sucumbir aos próprios afetos seria uma forma de vergar sua postura inabalável. Ceder ou voltar atrás não faz parte da rotina do homem marginalizado, palavra dita é palavra imposta, por isso sofre em silêncio, pagando o preço do orgulho. A sensação de pequenez, de incompletude demonstrada pelo narrador dialoga ainda com o garoto inexperiente e frágil de outrora:

Eu lhe via o começo dos peitos e adoraria falar. Mas não conseguia engolar nada. Tinha um bolo na garganta, atravessando tudo. Estava bem entrevado (...) “Seu merdinha” Acordei quebrado, uma dorzinha em tudo no corpo; criei coragem e fiz a besteira. “Sabe mina? Foi a primeira vez”. (ANTÔNIO, 2002, p. 118-119)

“De 53 para cá”, marca um novo Paulinho Perna Torta, destacando-se não apenas por intitular a última parte do conto, mas também por ressaltar o contexto histórico-social da narrativa, já que há uma marcação temporal nesse momento do texto.

De acordo com Monteiro (2013), a partir da década de 1950 ocorrem algumas mudanças sociais significativas no cotidiano feminino, o que conseqüentemente afetou também o universo masculino. Mudanças como a inserção em massa das mulheres no ensino

superior e no mercado de trabalho (considerando atividades remuneradas que vão além do âmbito doméstico).

No texto de João Antônio não há menções sobre isso, apenas a menção de Paulinho sobre o surgimento de novas drogas disponíveis no mercado: “Dexamil, Pervitin, Dexin...” (ANTÔNIO, 2002, p. 143). A narrativa enfoca outros pontos, vindo a seguir a apontar a sequência do período em que Paulinho esteve preso.

Surge Valquíria, a nova companheira de Paulinho. Valquíria faz visitas a ele regularmente, levando ao presidiário tudo o que precisar: dinheiro, drogas e maconha, além de mantê-lo atualizado sobre as novas casas noturnas que vêm surgindo aos poucos: “Ela me conta aqui no pátio da Detenção, que a situação dos viradores está arribando lá fora e até já existem casas montadas e hotéis que dão entrada a casais sem documento. A putaria vai se ajeitando” (ANTÔNIO, 2002, p. 143).

Consciente, Paulinho Perna Torta torna-se definitivamente um bandido e passa a gradativamente conquistar mais poder. Todavia, percebe-se a tensão do protagonista por meio das reflexões nostálgicas. A melancolia prevalece, a ausência de tudo o que não viveu passa a incomodá-lo, pensar em como a vida poderia ter sido diferente, em como teria sido se tivesse se envolvido com alguma das garotas do comércio, tudo parece agora tão distante e tão improvável que o que resta a ele é apenas seguir com a vida que escolheu.

O narrador se põe a repensar o rumo de sua vida. O desfecho do conto é marcado pela reavaliação que o personagem faz de sua própria vida em passagens anteriores. O malandro questiona o rumo que deu à vida, como seria se tivesse se rendido à vida pacata, como homem de família, fosse com a garota da autoescola, ou com alguma das trabalhadoras do comércio, seriam possibilidades que acentuam a melancolia do personagem:

A moça da autoescola aparecerá hoje? (...) Fico na minha perambulagem, embromo; fingindo voltas, indo e vindo, batida velha de quem não está querendo nada. O que me interessa é o namoro de olhos com a dona. Aquele é filha de bacanas, moça de seus bons pratos, enxuta, enxuta. Uma boneca, uma princesa, gata. (ANTÔNIO, 2002, p. 140-141)

O lirismo em tom nostálgico põe Paulinho a refletir sobre os caminhos que sua vida não tomou. Afetos que surgiram na vida de Paulinho, mas que, foram aos poucos reprimidos por ele, e logo, refreados por Laércio Arrudão, como lembramos aqui outra passagem:

Joga-me na cara que sou um trouxa, um coiô muito pacato, tenho uma mulher só, perco tempo andando na magrela pra baixo e pra cima, tenho essa mania besta de namorar meninas honestas que trabalham nas lojas da rua José Paulino. (ANTÔNIO, 2002, p. 129)

As reflexões tardias, os afetos roubados, ou simplesmente entregues, passam a ser cada vez mais constantes. Depois de adulto ficou evidente para o mesmo que sempre foi escolha. Paulinho esteve cego pela ambição. De volta à Boca do Lixo após dois anos e duas semanas em cárcere, Paulinho consegue a liberdade graças a Laércio Arrudão. Renovado e cheio de ideias novas deixa a casa de detenção e passa a vislumbrar novos sócios para futuros investimentos: “lá no Bom Retiro é completa liberdade. A igreja fica de um lado e o come-quieto do outro. Tenho o jogo nas mãos. Mas o que cobiço é o comando da putaria e da macumba” (ANTÔNIO, 2002, p. 145). Nem mesmo diante do sentimento de melancolia o personagem decide mudar, pois como marginalizado e no fundo pobre, sabe do quanto o dinheiro para ele tem outro valor.

Embora passe a investir em outros setores, o foco de Paulinho ainda recai sobre a exploração de mulheres, dessa vez atuando como cafetão responsável por todo o investimento e exploração: “adoço um judeu proprietário e arranco o aluguel de um casarão da rua dos Andradas, Boca do Lixo. Meto, exploro oito mulheres lá. Dois mil e quinhentos mangos é a diária” (ANTÔNIO, 2002, p. 146).

O leitor se depara com um novo Paulinho duma Perna Torta. Fica clara a incorporação da virilidade no personagem, é possível constatar a reprodução dos ensinamentos de Laércio; desde a escolarização da exploração da mulher, até o envolvimento direto com o tráfico de entorpecentes e os terreiros clandestinos, entre outras atividades ilícitas.

Paulinho se torna um sujeito bem sucedido financeiramente e garante a almejada ascensão social, além de desfrutar do prestígio da fama: “sou tratado como doutor, jornalistas me adulam. E nessas umas e outras me estendem convites. Com as equipes esportivas dos jornais e dos rádios, conheço a Argentina, o Uruguai e o Peru” (ANTÔNIO, 2002, p. 147).

Paulinho Perna Torta é o resultado do que uma sociedade machista é capaz de formar. Viril, violento e sem pudor, um homem sem o menor sentimento de culpa por carregar sangue nas mãos, na perspectiva do mesmo o sangue oferece ainda mais prestígio e credibilidade ao seu nome:

O malandro Valdão, chamado também de Valdãozinho, ex-boxeador e meu empregado na colheita da taxa de proteção às mulheres, me faz uma safadeza. Entrega Paulinho Perna Torta ao DI e vai à crônica policial fornecer reportagem sobre o *intocável* das bocas. Tenho uma crise e quero a cabeça do cagueta (...) Às três e meia da manhã, trago minha cambada, faço a invasão do Restaurante Tabu, *fecha-nunca* da rua Vitória, ponto de aponto da malandragem baixa. E apago, a tiros, o safado Valdão (...) O valente Paulinho duma Perna Torta vai para as primeiras páginas. (ANTÔNIO, 2002, p. 140)

A menção que o personagem faz de si sobre o “valente (...) vai para as primeiras páginas” mostra o quanto a incorporação do discurso opressor se sobrepõe a qualquer sentimento de caridade ou compaixão. Ao exterminar seu rival, Paulinho Perna Torta recupera o valor de sua honra por meio da violência. Como se não bastasse a morte de seu rival, trama ainda uma emboscada para todos os comparsas de Valdão: “engessei a curriola de bocudos e fiz bem. Essa cambada anda precisada de um pouco de cadeia para saber o que é a vida” (ANTÔNIO, 2002, p. 149), o que o obriga a se ausentar da Boca do Lixo e se esconder em Curitiba.

Paulinho conquista quase todos os seus objetivos, deveria então se considerar um homem realizado, um homem de sucesso, já que atendeu às expectativas de Laércio Arrudão: aprendeu, explorou, xingou, bateu, impôs, surrou, ofendeu, mandou, desmandou e matou. A expectativa que se cria em torno do final da narrativa é a de que o merduncho alcançará a almejada satisfação por conquistar os privilégios do dinheiro e da fama, saboreando o poder que tanto aspirou.

Que minas eu tenho e até pivas e naimas das mais finas. Tive filhas de bacanas nas estranhas. E Maria Princesa, minha última de umas e outras fixas, é uma boneca e novinha cheirando a broto do interior – tratada, vestida, desfila como rainha... Nem gostar é o que me estrepa. Sempre gostei do melhor que é dos outros e cobiçando tomei o que pude. (ANTÔNIO, 2002, p. 150)

Rompendo com as expectativas conduzidas pelo texto, o leitor se depara com Paulinho duma Perna Torta completo, detentor de poder inquestionável, grande, influente, nome de moral no meio da malandragem e dono de uma desordem interior que sequer consegue explicar: “às vezes, penso que é uma onda besta que está me tomando. Desguio-me dela, meto maconha, engulo uns copos. Mas hoje, eu tenho medo é de sair à rua sozinho” (ANTÔNIO,

2002, p. 152). A insatisfação toma conta do personagem quando deveria ser o auge de sua glória, o leitor se depara com um dos momentos de rara introspecção do personagem.

A encabulação maior me nasce de umas coisas bestas, cuja descoberta e matutação a ginga macumbeira de Zião da Gameleira começou a me despertar. Uma virada no destino, na vida andeja deste aqui. Um absurdo que Zião, sem querer, acabasse me levantando dúvidas bestas. É que fiz trinta anos e pensei coisas de minha vida. E na continuação da besteira, atacado pelas últimas guinadas da polícia que atende as famílias da cidade sobre o barulho dos meus esporros nas bocas; difamado pelos jornais, revistas, televisão... Sou chamado às conversas comigo mesmo. (ANTÔNIO, 2002, p. 150)

A constatação da solidão e a análise da própria condição apontam momentos de reflexão e profunda introspecção: “a gente não é ninguém, a gente nunca foi. A gente some, apagado, qualquer hora dessas, em que a polícia ou outro mais malandro nos acerte” (ANTÔNIO, 2002, p. 150). A fragilidade que antes estava ocultada pela virilidade vai despontando timidamente.

A solidão é o ponto mais fraco de Paulinho é diante da solidão que Paulinho Perna Torna se põe a refletir: “a gente pensa que está subindo muito nos pontos de uma carreira, mas apenas está se chegando para mais perto do fim. E como percebo, de repente, quando estou sozinho” (ANTÔNIO, 2002, p. 150). Essa solidão desencadeia no personagem uma percepção mais profunda sobre sua vida e suas escolhas, além de um contato íntimo consigo mesmo, algo incomum para o próprio bandido.

A representação social do homem de verdade garante aos homens muitas dificuldades, entre as quais se destacam as restrições para estabelecer as relações de intimidade. Isso porque ela não estimula nem promove a melhoria da comunicação emocional masculina. Pelo contrário, alimenta-se do silêncio ou da comunicação monossilábica do indivíduo consigo mesmo. (NOLASCO, 1997, p. 27)

São sensações com as quais Paulinho não sabe lidar por não ter se permitido experimentar antes, e para se desvencilhar desses sentimentos procura se embriagar ou fumar maconha, mas percebe que esquecer não faz com que as coisas se resolvam: “uma parada sem jeito, ô encabulação! Agora a briga não é com ninguém, não. O pior de tudo, o espeto é que eu mesmo estou me desacatando e me dando um esporro (...) Eu acho que ando muito cansado” (ANTÔNIO, 2002, p. 150). O cansaço diante do fardo da virilidade.

Paulinho se afasta novamente de suas angústias e aflições. Mais uma vez direciona o foco às ações da polícia que já preparava ações repressivas contra seus estabelecimentos: “a rataria volta à mesma política de antes de 53, quando preparava o massacre da zona” (ANTÔNIO, 2002, p. 151). Longe de qualquer introspecção, o malandro foca novamente na conquista de novos empreendimentos na ânsia de mais poder, retomando o discurso patriarcal e opressor enquanto Laércio Arrudão e os demais foram presos. Os planos de Paulinho revelam um bandido ganancioso, mas também a de um homem fraco, alguém que se esconde atrás dos próprios preconceitos e trata mulheres com ignorância, rispidez e falta de respeito a fim de manter seu lugar de privilégio como inabalável e inacessível.

Os olhos verdes de Paulinho duma Perna Torta. Boto doçura na preta, sei como é mulher. Falo baixo, os olhos na cara dela (...) Lá vai Elisa do Pandeiro, preta de muito rabo, com esse andar balangado. Para mim, não quero cama com ela não. Dizem que Elisa anda com uma nota alta, muito bem enrustida, possuindo um bordel escondido lá em Mogi das Cruzes. Elisa é escura, é um tição. Mas se essa história de grana alta for quente eu arrisco uma pegada nela. Para lhe tomar tudo. (ANTÔNIO, 2002, p. 153-154)

O personagem direciona ainda mais seu preconceito para com a mulher negra, que, é tratada como um corpo para satisfação sexual apenas, sem o mínimo respeito ou consideração, como fica explícito na fala que se destaca: “Elisa é escura, é um tição” (ANTÔNIO, 2002, p. 153). Paulinho se mostra indiferente a qualquer noção de respeito que se possa ter, enquanto, questiona o nível da própria ambição:

Ou foi essa vida que me ensinou a cobiçar tudo o que é dos outros, iludindo, avançando, tomando, estraçalhando. Também por isso tenho uma situação, carro, apartamento, telefone, viagens, bordel. Não nasci com isso não. (ANTÔNIO, 2002, p. 155)

Para Paulinho Perna Torta, o mundo é um espaço de disputa e constantes confrontos. Como se pode perceber na leitura, a voz solitária do personagem é o que expõe seus conflitos interiores, de acordo com Ribeiro Neto (1981), a percepção que Paulinho tem é a de quem encara o cotidiano com desconfiança, ódio e desespero: “o personagem que narra está numa posição de fraqueza: ele tem o adversário diante de si e, atrás do adversário o mundo” (RIBEIRO NETO *apud* ANTÔNIO, 1981, p. 104).

O arrependimento chega como sinal de enfraquecimento do personagem. Já sem perspectivas, desabafa: “estou com tóxico no caco e uma ideia besta me passa – talvez eu devesse ter ficado com a magrela e as namoradinhas do comércio das lojas do Bom Retiro. Ou tirado Ivete da vida” (ANTÔNIO, 2002, p. 155). Não é o fracasso dos investimentos daquele momento que afligem ao personagem, mas a disfunção com o modelo de masculinidade hegemônica que o corrói. A ignorância diante dos conselhos de Laércio dentro do contexto marginalizado direcionou Paulinho à própria condição. Paulinho não seria capaz de viver de outra forma, pois foi instruído e orientado a viver oprimindo a todos, o que não o levou a uma satisfação pessoal.

Seria ingênuo pensar que as mentalidades mudaram radicalmente, pois isso leva tempo e, como se pode atestar, apesar das profundas transformações ocorridas nas últimas décadas no que diz respeito à relação entre os sexos, os simbolismos ou representações de gênero (em especial do masculino) ainda não sofreram grandes mudanças. (RAMOS, 2000, p. 56)

Ao final, reforça o estereótipo que se cria em torno da personagem e mesmo diante das adversidades (da pressão da polícia e da perda das casas na Boca do Lixo), segue se escondendo e procurando enxergar vantagens: “mas não vou parar. Atucho-me de tóxico e me aguento. Para final, tenho ainda a grana e Maria Princesa é uma boneca” (ANTÔNIO, 2002, p. 156), segue em desordem e insatisfação.

João Antônio um dia disse que “um homem necessita alguma grandeza, ter seu momento de Homem”. Representante de tantos homens nesse Brasil afora, Paulinho Perna Torta seguiu rigorosamente tudo o que seu mentor, Laércio Arrudão o instruiu sobre como ser um “homem de verdade”. Tornou-se um assim, um bandido viril e violento. No ápice de suas conquistas, tanto dinheiro e poder não foram suficientes para que se sentisse completo, acabou por seguir sem entender o que seria esse tal de “homem de verdade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação analisou dois pontos distintos dentro da obra de João Antônio: as masculinidades e a marginalidade. O estudo da performance masculina dos personagens do autor de “Leão de Chácara” permitiu-nos visualizar a confluência desses pontos na representação masculina. Deste modo, analisamos a performance das masculinidades marginalizadas por meio dos contos “Joãozinho da Babilônia” e “Paulinho Perna Torna”.

As narrativas nos permitiram visualizar a masculinidade hegemônica como um instrumento de opressão que fere a integridade e a subjetividade dos homens, como se não bastasse determinar a prevalência da desigualdade e a opressão contra mulheres. Observa-se que a propagação dessa cultura opressora afeta diretamente aos homens. De acordo com as análises, quando se exalta a masculinidade hegemônica, diminui-se a integridade do indivíduo, pois ao passo que o discurso tradicional “homem que é homem” entra em jogo, a liberdade de escolha do indivíduo está totalmente corrompida, pois o homem passa a agir somente dentro das expectativas daquela noção de masculinidade e qualquer desvio mínimo passa a ser suficiente para se questionar a masculinidade do outro.

A obra de João Antônio nos apresenta a figura típica do homem em situação marginalizada em conflito entre norma e conduta. O malandro, que graças à sua esperteza poderia ser um exemplo ideal de masculinidade, nos contos de João Antônio, revela-nos a face oculta do homem marginalizado. Percebem-se indivíduos que buscam constantemente reafirmar a própria masculinidade, realizando um culto à própria personalidade, em que se afirma a força, a esperteza e se justifica o uso de violência, enquanto na verdade sofrem em silêncio com conflitos internos, já que não sabem lidar com as próprias emoções.

Deparamo-nos com personagens melancólicos, que diante da situação financeira em que vivem estão sempre em espaços marcados pela exclusão social, onde impera a insatisfação, e o descontentamento só aumenta quando são oprimidos por outros homens, geralmente detentores de poder, dinheiro ou fama. O homem marginalizado estará sempre distante do modelo hegemônico, pois a ausência do dinheiro já é um fator determinante nas relações de poder. Isso gera uma série de conflitos, pois como se pode ver em Paulinho Perna Torna, descontente com a própria situação, decide mudar os rumos do seu destino, envolve-se

com uma série de crimes e passa a fazer o que for necessário para alcançar prestígio social. A sede por dinheiro e fama faz com que Paulinho anule todas as possibilidades de ter uma vida comum, pois ele quer o reconhecimento por seus feitos, quer ser exaltado como homem, tal como seu mentor Laércio Arrudão. O resultado disso é um indivíduo que veste a máscara de “homem de verdade” e age sem pudor, a fim de mostrar o poder que tem, enquanto a narração em 1ª pessoa permite que o leitor perceba sua angústia constante, da qual, nem sequer pode falar abertamente, pois isso faria com que o mesmo tivesse a masculinidade questionada entre os seus comuns.

Joãozinho da Babilônia nos permite ver essa mesma questão sob outra perspectiva. Observa-se um homem em contato com suas emoções pagando o preço da opressão, um indivíduo que se humaniza por meio dos afetos que o circundam, mas que se vê completamente distante da satisfação de poder se expressar livremente, sentindo-se privado de chorar sem ser julgado, e pior ainda, graças à exaltação da masculinidade de alguém, perde o amor de sua vida. A tristeza o humaniza, mas não traz de volta suas perspectivas, o preço da masculinidade hegemônica.

Como se não bastasse, as análises nos mostram que a reafirmação da masculinidade é prejudicial ao homem em vários aspectos. Na exaltação da masculinidade por meio da potência sexual por exemplo, o homem se mostra sempre à disposição para o ato sexual. Agir de outro modo passa a ser inconcebível, pois nessa compreensão, negar o sexo seria o mesmo que negar a própria masculinidade. São exemplos assim que nos revelam a fragilidade oculta no discurso viril; mostrar-se forte para esconder a insegurança passa a ser um imperativo.

Os personagens nos mostram que embora haja uma série de contradições nisso tudo, e que na prática as masculinidades marginalizadas não obtêm o prestígio almejado, ainda assim, propaga-se o discurso viril, pois já que não se dialoga sobre isso, já que o debate sobre a afetividade e a subjetividade masculina é algo inexistente, resta aos homens oprimir outros, para que a opressão sofrida seja compensada. E como o desfecho do conto *Paulinho Perna Torta* nos mostra, os homens seguem sofrendo com isso, mas em silêncio, fingindo que nada disso os afeta.

O escritor norte-americano, Charles Bukowski nos diria que existem coisas piores do que estar sozinho, mas, que infelizmente, na maioria das vezes isso leva décadas para se perceber, e na maioria das vezes quando se percebe é tarde demais, e o fato é que não há nada

pior do que tarde demais. Eis a conclusão do nosso estudo, há tantos e tantos homens em conflito com as próprias emoções circulando por todos os lados, a maioria em silêncio, sem se permitir o diálogo, ou mesmo, sem se permitir entender os próprios conflitos internos, com medo de que isso diminua sua masculinidade. Os contos de João Antônio contribuem para suscitar discussões sobre as possibilidades a emergência de uma nova masculinidade. Trata-se dos dilemas dos protagonistas em seus anseios e em seus momentos de vislumbrar outras performances masculinas, mais livres de prescrições rígidas para o papel de homens. Este trabalho nos leva a perceber a necessidade de se debater sobre isso tudo, sobre as relações sociais masculinas, sobre a opressão praticada e sofrida e sobre a afetividade masculina. O diálogo entre a análise de textos literários, como os de João Antônio, e o debate teórico sobre as masculinidades contribui para dinamizar estas reflexões.

É necessário que possamos discutir sobre práticas que nos levem a uma educação sentimental dos machos. A obra de João Antônio nos permite ver a possibilidade desse exercício por meio da literatura. É possível que a literatura seja a resposta, ou que nos permita ao menos compreender outras perspectivas, e assim, termos outra forma de olhar o problema. Se for isso, que possamos daqui por diante mudar os questionamentos, mas de algum modo encontrar uma solução para que a sociedade perceba a equidade como caminho adequado para um estágio melhor para homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Wagner Coriolano. *Relendo a marginalidade pela crítica de João Antônio*. Revista ANTARES – Vol. 6, Nº 12, jul/dez 2014 140.
- ALMEIDA, Talita. *In Dracula Veritas: uma análise sobre as personas que compõem o discurso epistolar do jovem João Antônio*. Dissertação de Mestrado em Letras. Orientadora: Telma Maciel da Silva. Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras. Londrina, 2016.
- ANTÔNIO, João. *Contos Reunidos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- _____, João. *Vocabulário das ruas*. In: *Contos Reunidos* (anexo). São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- _____, João. *Leão de Chácara*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- _____, João. *Noel Rosa*. São Paulo: Abril educação, 1982. (Literatura comentada).
- _____, João. *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno*. São Paulo: Editora Scipione, 2007.
- AGUIAR, Flávio. *A palavra no purgatório*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- ASSIS BRASIL, L.A. *O conto*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1973.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1993.
- BAKHTIN, M. *Dialogismo e construção de sentido*. Org.: Beth Brait. 2ª ed. rev. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria H. Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOSI, Alfredo. *Um boêmio entre duas cidades*. In: ANTÔNIO, João. *Contos Reunidos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *Na noite enxovalhada*. In: ANTÔNIO, João. *Contos Reunidos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- _____, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1973.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CLATTERBAUGH, Kenneth. *Contemporary perspectives on masculinity: men, women and politics in modern society*. Boulder: Westview, 1997.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: NVersos, 2015.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, vol. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CORREIA, Luciana Cristina. *Merdunchos, malandros e bandidos: estudo das personagens de João Antônio*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2002.

CORREIA, Luciana Cristina. *Do real à ficção: a busca de um retrato brasileiro na Construção de personagens de João Antônio*. Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2006.

COSTA, Rosely G. *Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades*. In: ALMEIDA, H. B. D. et al. (Ed.). *Gênero em matrizes*. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. *Robustez na cultura: mito viril e potência muscular*. In: _____. (Org.). *História da virilidade*. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo (Co-dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói, Editora da UFF, 1986. v. 6.

CRUZ, Adélcio Souza. *Narrativas contemporâneas da violência: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz*. Tese de doutorado em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Fale – UFMG/ 2009

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013.

DURIGAN, J. A. João Antônio e a ciranda da malandragem. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

EXAME, Revista. Axe lança campanha para todos os tipos de homens. <https://exame.abril.com.br/marketing/axe-lanca-campanha-para-todos-os-tipos-de-homens/> Acesso em: 20/10/2017, às 18:18h. 15 de Jan, 2016.

- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa. 5ª ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOLDENBERG, Miriam. *Intimidade*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HOHLFELDT, Antonio. *Conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- FOUCAULT, Michael. *A história da sexualidade*. 10ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- KALIFA, Dominique. *Virilidades criminosas? In: COURTINE, Jean J. (org). História da Virilidade: a virilidade em crise?.* Petropolis/RJ: Vozes, 2013.
- KIMMEL, M. *Changing men: new directions in research on men masculinity*. Thousand Oaks: Sage, 1987.
- LACERDA, Rodrigo. Ele está de volta. *In: ANTÔNIO, João. Contos Reunidos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- LACERDA, Rodrigo. *Sete textos de nostalgia. In: ANTÔNIO, João. Zicartola e que tudo mais vá pro inferno*. São Paulo: Editora Scipione, 2007.
- LUCAS, Fábio. *O conto no Brasil moderno. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.) O livro do seminário: ensaios – Bienal Nestlé da Literatura Brasileira*. São Paulo: L. R., 1993.
- LUKÁCS, Georg. A Teoria do Romance. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. MACEDO, Tânia. *Malandros e merdunchos. In: ANTÔNIO, JOÃO. Leão de Chácara*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- MACHADO, L. Zanotto. *Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea*. Série antropologia, v. 290. Brasília, 2001.
- MARTIN, Vima Lia. *Literatura e Marginalidade: um estudo sobre João Antônio e Luandino Vieira*. São Paulo: Alameda, 2008.
- MONTEIRO, Marko. Masculinidade em revista: 1960-1990. *In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. (Org.). História dos Homens no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2013.

MORAES, Renata Ribeiro. “*Para João Antônio, pela força aos novos e à literatura*”: *dedicatórias como elementos constituintes de um projeto literário*. Renata Ribeiro de Moraes; orientadora Ana Maria Domingues de Oliveira. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista. Área de conhecimento: Literatura e vida social. – Assis, 2014.

MULLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade “nos anos 1968”. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013.

MUSZKAT, Susana. *Violência e masculinidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero*. In: _____. (Org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

O’CONNOR, F. *The lonely voice*. London: Macmillan, 1963.

O’FAOLAIN, S. *The short story*. Bristol: Mercier Press, 1972.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues, ORNELLAS, Clara Ávila, SILVA, Telma Maciel (org.). *PAPEIS DE ESCRITOR: LEITURAS SOBRE JOÃO ANTÔNIO*. Assis: FCL-Assis – UNESP-Publicações, 2008.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2004. ORNELLAS, Clara Ávila. *O conto na obra de João Antônio: uma poética da exclusão*. São Paulo: Linear B, Coleção de Teses e Dissertações USP – Universidade de São Paulo, 2008.

ORNELLAS, Clara Ávila. *Circulando pelas marginálias: presença da literatura russa na biblioteca do Acervo João Antonio*. Patrimônio e Memória, v. 4, n. 2, p. 139-162. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108022>>. Acesso em 20/09/2017, às 15:54h.

PEREIRA, E. G. B.; ROMERO, E. (Ed.). *Universo do corpo: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

PEREIRA, Jane Christina. *A poesia de Malagueta, Perus e Bacanaço*. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2006.

POE, Edgar A. A filosofia da composição. In: MENDES, O. (org.). *Edgar Allan Poe: ficção completa, poesia & ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

RAMOS, Marcelo Silva. *Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade*. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

- RIBEIRO NETO, João da Silva Ribeiro. *João Antônio: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- ROSA, Maria Eneida Matos. *O malandro brasileiro: do fascínio ao rancor*. Tese doutorado em Letras. Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2008.
- ROSENFELD, A. *Literatura e personagem. In: A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- RUSSEL, Bertrand. *Por que os homens vão à guerra*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- SILVA, Telma M. *Posta-restante: um estudo sobre a correspondência do Escritor João Antônio*. Tese doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.
- SILVA NETO, José Pereira. O espaço urbano de São Paulo no realismo ficcional de João Antônio / José Pereira da Silva Neto. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2002.
- SCHPUN, Mônica Raisia (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- SIMON, Luiz C. S. *Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil*. Revista Estação Literária. ISSN 1983-1048. Londrina, Volume 16, p. 8 – 28, jun 2016.
- SIMON, Luiz C. S. *Além do visível: contos brasileiros e imagens na era do pós-modernismo*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1999.
- WELZER-LANG, D. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Estudos Feministas, 2001.